

VÍTREO

JORNAL LABORATÓRIO

ÍNDICE

emprego, salário e
política trabalhista
TRES

gramatical
ONZE

o amor e a cena
do mundo
CATORZE

outro preto aos
deboches
DEZESSETE

mamonas assassinas,
a baixaria não
pode parar
VINTE DE QUATRO

do cult go kitsch
TRES CINCO

EXPEDIENTE

Vitreo é uma publicação do Diretório Central dos Estudantes Celso Furtado.

Design: Aline Bottcher - alinebottcher.com | Edição: Renata Assumpção
Colaboradores: Anderson Santos, Anna Carolina Cardoso Pinheiro, Cassiano Cotrim, Dinoê Urbano, Fernando Nestler, Gustavo Lanza, Lucas Hackradt, Monica Bulgari, Neto Leão, OFTA (André Armani, Beatriz Abreu dos Santos, Henrique de Arruda Berengon, Noeile de Freitas Peigo e Rodrigo Di Próspero Jourdain), Paula Senatore, Rafael Gironi Dias, Rafael Roncato e Renata Assumpção.
Revisão: Fernando Nestler, Alina Pucinelli Guimarães, Lais Lima, Felipe Assumpção, Gabi Borini e Renata Assumpção
Contato: www.dcecelsofurtado.org | vitreo@dcecelsofurtado.org

com quem você
está falando?
CINCO

na ação
PAGINA DOZE

filtro solar fator 30
QUINZE

loki!
VINTE E UM

let's lomo
DOIS SETE

balanços e
perspectivas
para a América
Latina no século xxi
TRINTA E NOVE

um dia de aula
QUARENTA E NOVE

a obra de werner
herzog
SETE

que amor é esse?
TREZE

reclinar-se
DEZESSEIS

VINTE E TRES
Pontuação
beto e os síndris de

as línguas do Brasil
TRINTA E UM

que é que tem na
caixa?
QUARENTA E CINCO

teatro, amor e
sonhos
CINCO CINCO

ANO VII | NÚMERO 7

BARÃO GERALDO | CAMPINAS

FACAMP | NOVEMBRO DE 2011

DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

apelo ao coletivo

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) Celso Furtado é a instituição representativa do conjunto de alunos da Facamp. Trata-se de um espaço em que estudantes, dispostos a tomarem parte na construção do novo, projetam suas experiências, valores e anseios em proveito de uma razão maior, qual seja, a coletividade que os circunda. Coletividade esta formada por aproximadamente 2500 estudantes, todos membros do DCE, que o tornam legítimo e crucial a um projeto educacional democrático. Seu escopo fundamenta-se na implementação de ações conjuntas mediante o livre debate, impulsionando pelos interesses e direitos – gerais ou particulares – dos alunos. Desta maneira, compete ao DCE realizar atividades que promovam a capacidade crítica e a consciência social dos alunos, e fomentem a cultura e a arte nas suas mais variadas formas.

No entanto, a tragédia maior com a qual se depara o DCE é, aparentemente, existir em um mundo que lhe é cada vez mais estranho. Mundo este acolhedor de uma sociedade

deformada, desprovida de valores comunitários e na qual predomina uma cultura capitalista americanizada, calcada no individualismo, na competição, no utilitarismo e no materialismo consumista. Tal realidade é fruto da própria articulação de interesses que, ao amparar-se na bandeira da eficiência, estimulou sobremaneira o individualismo e fragilizou o coletivo, tornando-os inexoravelmente idiossincráticos. Manifestase, portanto, uma desarmonia entre a ideologia social proeminente e os preceitos fundamentais do DCE.

Talvez valha a pena evocar Nietzsche que na crítica à predominância do apolíneo (entendido como o sinal de clareza e ordenamento, mas também de partição) lembrou-nos que uma sociedade de fato deveria também render honras ao dionisíaco (subjetividade, entusiasmo, agregação), apontando o retorno ao dionisíaco como única possibilidade de se escapar da individualidade. Entretanto, neste caso, parece que “Apolo venceu”, no sentido em que este, nas palavras de Nietzsche, represen-

ta o individual, a consciência de si, mas não a superação, a transcendência, uma vez que Apolo metaforiza também a proteção pela aparência: a bela aparência apolínea é uma ocultação, porque o excesso de brilho pode ser a criação de uma ilusão, o acobertamento do sofrimento. De outra maneira, o aparente brilho das conquistas individuais oculta ilusoriamente a mediocridade social gerada pela carência do coletivo, haja vista que a negação de Dionísio significa a não integração da parte a totalidade. Eis que provavelmente tenha evidenciado-se o maior impasse enfrentado pelo DCE, a saber, pretender-se dionisíaco em um mundo crescentemente apolíneo. Sua fragilidade, assim como a das demais formas de representação do coletivo, resulta da fragilidade de sua própria sociedade, que nega a si mesma quando nega não somente o conjunto, mas também a cultura e o que dela pode advir. Neste estranho mundo, à Gestão Ânima e às gestões que estão por vir resta a árdua tentativa de, ao menos no terreno de suas possibilidades, sobrepor o coletivo ao individual.

Por Anderson Rodrigo dos Santos

Emprego, salário e política trabalhista



Somente em uma economia capitalista desenvolvida com alto grau de acumulação de capital e avanço tecnológico é que se vê a complexidade produtiva e a homogeneização social.

BONS FRUTOS SE COLHEM AO SE LER CELSO FURTADO E NA LEITURA DE SEU TEXTO NA REVISTA TIBIRIÇÁ (P51), ESCRITA NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1980, NÃO PODERIA SER DIFERENTE, ONDE HOUVE, NO MÍNIMO, BOAS IDEIAS E ESCLARECIMENTOS SOBRE EMPRÉGO, SALÁRIO E POLÍTICA TRABALHISTA TRATADOS CRITICAMENTE PELO PROFESSOR DURANTE AS CONFERÊNCIAS PRONUNCIADAS NO DIA 16/08/1979 NO INSTITUTO DE ENGENHARIA EM SÃO PAULO.

Furtado elogia as exposições de seus antecessores e julga-as essenciais, mas deseja refletir ainda mais sobre a questão da distribuição da renda, dizendo que há em qualquer escola de economistas, inclusive por ele, a ausência de uma teoria bem definida sobre a distribuição. Somente em uma economia capitalista desenvolvida com alto grau de acumulação de capital e avanço tecnológico é que se vê a complexidade produtiva e a homogeneização social. Ainda assim, foram latentes as tensões em torno da apropriação da renda entre as classes sociais, que, apenas com greves e movimentos trabalhistas, foram gradativamente resultando em certa igualdade social, tendo a Suécia como um caso extremo na época.

É preciso analisar o sistema como um todo para se pensar numa teoria no sistema capitalista, pois, num caso específico, a cultura e os fatores sociais determinarão a organização da sociedade desenvolvida; e, de outro lado, a dependência e a deficiência produtiva não darão espaço para a mesma organização na sociedade subdesenvolvida, ou seja, uma sociedade que não conseguiu se desenvolver em torno da apropriação do excedente. Segundo o professor, não se pode imaginar que uma sociedade em desenvolvimento irá seguir os mesmos passos daquela já desenvolvida, pois seguimos um desenvolvimento capitalista específico: heterogeneidade social agravada, acelerada acumulação em altos níveis e de complexidade produtiva. “Vamos ter é que ter, ou uma sociedade muito mais injusta, ou muito mais justa do que aquelas que estamos imitando” (Furtado, p. 52). A política salarial é de grande importância nessa discussão, pois os salários se mantiveram estáveis por muito tempo nos países onde o Estado era formado pela classe dominante. Na medida em que a classe trabalhadora e outras classes sociais foram conquistando espaço com poder na formação do Estado, combatendo a manipulação de preços e de instrumentos do Estado

com enfoque a interesses de grupos específicos, foi-se alterando a repartição de renda, homogeneizando a sociedade.

Sabe-se que a sociedade capitalista, em todas as classes sociais, a tendência é sempre de concentrar renda. Por isso, no Brasil, a luta da classe trabalhista tem sido a de defesa dos salários reais e não a de repartição da renda.

A repartição está se realizando por meio de organizações e cooperativas, que controlam técnicas, decisões e informações, atingindo algum grau de poder. O resultado disso é melhor do que seria com movimentos sindicais, pois uma política de investimento, por exemplo, poderia paralisar essa movimentação.

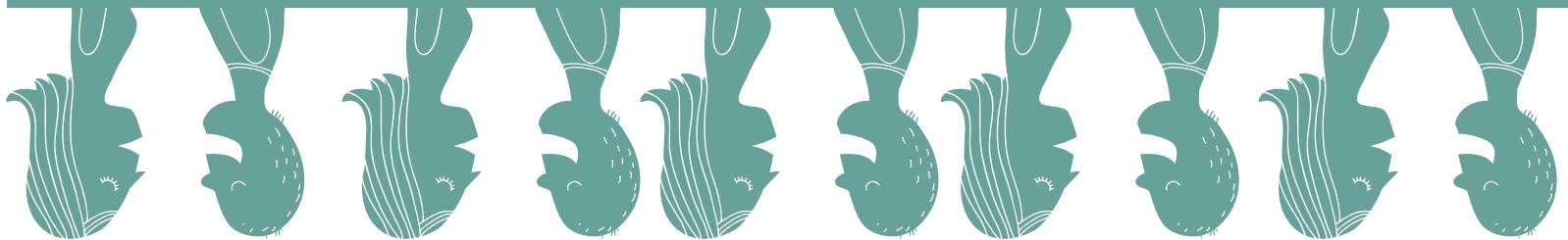
Portanto, a luta para o desenvolvimento e a homogeneidade social, nesta nossa sociedade de forte e tendente heterogeneidade e de injustiça social, vence-se com conquistas de classes trabalhadoras no poder, ou seja, ocupando espaços no Estado, não por meio de movimentos sindicais para, por exemplo, promover fortes políticas salariais (isto é importante, mas não essencial), mas por meio da redemocratização do poder, dando ao povo, direto ou indiretamente, o direito e o poder de decisão e de influências sobre instrumentos do Estado, podendo todos pensar, expressar e criticar livremente. Tais conquistas devem ser realizadas não para estar a favor ou contra isso ou aquilo, mas para que o desenvolvimento seja realizado com baixo custo social, pelo qual todos brasileiros devem ter acesso ao fruto do trabalho de todos.

Portanto, cabem a nós, com mais acesso a informações e com sérias interpretações, contribuir para a conscientização dos trabalhadores em geral sobre todas as dimensões do problema, que vai além de leis e políticas salariais e sindicais, e mostrar que o interesse e a participação de todos os cidadãos são fundamentais para compor uma sociedade muito mais justa e desenvolvida.

Por Anna Carolina Cardoso Pinheiro



Andrey Ternovskiy, russo de 17 anos, e Leif K-Brook, um americano de 18, jamais se conheceram, mas ajudaram a transformar as relações sociais na internet ao criarem chats anônimos. K-Brook foi o primeiro: no início de 2009 inventou o Omegle. Mais de 20 mil pessoas se conectam diariamente, respondendo ao famoso “asl” – age, sex and location (idade, sexo e localização, em português). O papo não está agradando? É só clicar em “desconectar” e em instantes você estará falando com outra pessoa. No segundo semestre, veio o Chatroulette, com uma inovação: a webcam. A lógica de funcionamento é bastante simples: duas telas de vídeo, uma caixa para o chat, um botão escrito “próximo” e outro para denúncias (três denúncias suspendem o usuário por 40 minutos). É, como sugere o nome, uma roleta russa de videochat.



O número de brasileiros que aderem a essa nova mania é cada vez maior. Além de conhecer novas pessoas e culturas diferentes, a chance de praticar outros idiomas - principalmente o inglês, língua mais popular dos chats - é o principal atrativo. O estudante de 19 anos, Paulo Henrique Barros Faria Dragoni Ferreira, concorda. Ele conheceu os chats anônimos por meio das redes sociais que, em sua opinião, são as grandes responsáveis pelo rápido crescimento dos sites. Paulo Henrique acrescenta ainda que, por os homens representarem a maioria maciça dos usuários, é muito mais fácil uma mulher manter uma conversa. Mas, afirma, as conversas costumam ser rápidas e é raro que resultem em amizade. "Só teve uma vez que o papo rendeu, conversei por mais de uma hora com uma brasileira. Trocamos Orkut e MSN e mantemos contato até hoje", explica o estudante, que acessa os chats cerca de uma vez por semana. A professora de inglês Ana Luísa Felipe, 21, descobriu o Chatroulette, pelo Twitter, e viu no site uma ótima oportunidade para praticar também o alemão, idioma que estuda. Apesar de poucos acessos até agora, ela já percebeu o que deve ser o maior problema enfrentado pela equipe do jovem Ternovskiy: o grande número de pervertidos. "A maioria das

pessoas entra no site atrás de sexo virtual. Mal ligo a câmera e já aparece alguém pelado", afirma.

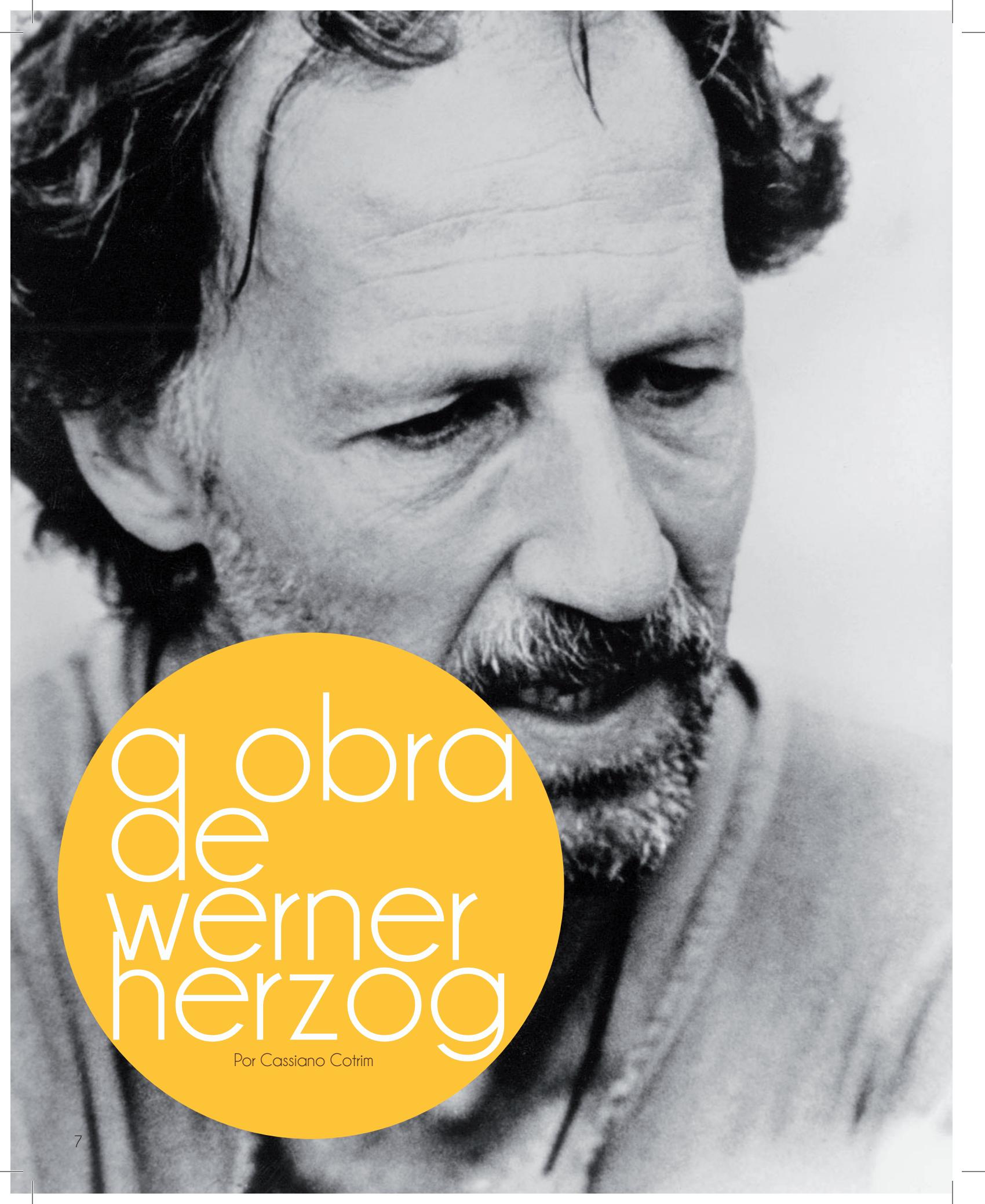
Esse é, aliás, o grande desafio a ser vencido pelo Chatroulette. Análise feita pelo blog americano de tecnologia TechCrunch, com 2883 perfis atrelados ao ChatRoulette Map (serviço do site que, pelo Google Maps, permite que você veja a cidade de onde o interlocutor está falando e até a última imagem gerada por sua webcam) mostrou que 13% dos usuários estão estritamente interessados em pornografia. Apesar do risco de deparar-se com alguma cena embarracosa, os chats anônimos não param de crescer.

O fascínio humano por conversar online não é recente. No começo era o IRC, Internet Relay Chat, que se tornou o principal meio de bate-papo na Internet durante o final dos anos 90. Com o advento da internet comercial, foi a vez das salas de bate-papo. Divididos por categorias de interesses, região ou idade milhares de pessoas "teclavam" diariamente. Surgiu também o ICQ (do acrônimo feito com base na pronúncia das letras em inglês para I Seek You), em 1996. Além da possibilidade de encontrar pessoas estranhas com quem você compartilhasse algum interesse, era possível adicionar amigos e conhecidos. Com o

tempo o ICQ foi perdendo usuários no Brasil. A maioria deles migrou para o MSN Messenger, outro programa que permite falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela Internet. Agora, são os chats anônimos.

Daniela Bertocchi, pesquisadora do Commais - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Jornalismo e Mídias Digitais da ECA-USP e professora de hiper mídia das Faculdades de Campinas (Facamp), diz que a possibilidade de estabelecer relacionamentos pela Internet caracteriza a rede desde o seu surgimento. "Sempre vamos querer conversar, partilhar, pertencer a alguma comunidade. O que muda com o tempo são os dispositivos - talvez agora mais sofisticados, com mais ubiquidade, mais recursos. O chat de antes não oferecia imagem e som. Agora, oferecem", argumentou Bertocchi.

Tanto em um quanto no outro as conversas costumam ser em inglês. No Brasil, já existem versões em português. O Chatroulette inspirou o Chat Rolé e o Cata Papo; o Omegle, o Tagarele e o Talkstuff. Ainda falta público, embora as páginas contenham links para divulgá-las nas principais redes sociais. Se essa nova mania é passageira ou não, é difícil saber: "fazer previsões nesta área é altamente desaconselhável", completa a pesquisadora.

A black and white close-up photograph of Werner Herzog's face. He has dark, wavy hair and a beard. His eyes are partially closed, and he is looking slightly downwards and to his right with a contemplative expression.

a obra de werner herzog

Por Cassiano Cotrim

O cinema alemão sempre tomou frente das vanguardas cinematográficas desde que o cinema se tornou, ao mesmo tempo, forma de arte e o produto mais forte da indústria cultural. Essa tradição, que passa pela liberdade do expressionismo alemão, em “O Gabinete do Doutor Caligari” (Robert Wiene, 1919), e pelas mãos do III Reich, com a estruturação de um cinema que se tornasse a estética máxima não só da arte, mas da imagem do poder, como em “O Triunfo da Vontade” (Leni Riefenstahl, 1934), passou pela maior das reformulações com o chamado “novo cinema alemão”. Após o final da guerra, com a sina do nazismo, o cinema alemão entra em decadência e, por mais contraditório que pareça, a herança de suas técnicas se espalha pelo mundo livre. As produções cinematográficas começam a encarregar exponencialmente e o triunfo da indústria cultural parece ter tornado as rédeas com a reprodução técnica oferecida pelo desenvolvimento do cinema. Durante todo esse período, o cinema enquanto forma de arte sempre se manteve vivo no melhor das produções. Na Itália tem-se o neorealismo; nos Es-

tados Unidos, dentro de Hollywood, o gênero policial “hard-boiled” do film noir faz a resistência dentro da própria indústria; e na Alemanha, somente em 1960 o cinema voltaria a ser uma expressão significante. No “Manifesto de Oberhausen”, a proposta do novo cinema alemão se expõe. Assinado pelos mais jovens cineastas alemães como Alexander Kluge, Rainer Werner Fassbinder, Win Wenders e Werner Herzog, o manifesto se torna o marco de uma nova fase no cinema mundial. Produções de baixo custo; abordagem documental até mesmo sobre ficções; e a preocupação com a manutenção de um cinema autônomo, livre de vínculos com o governo, são as principais preocupações desse cinema. Por mais que houvesse ligação de alguns cineastas com a televisão, para a manutenção dos custos, isso não se tornava um problema, dado que a própria televisão sofreu uma influência impactante dessa geração, vide a série-filme “Berlin Alexanderplatz” (Rainer Fassbinder; 1980). É nessa geração que se destaca Werner Herzog, talvez o mais excêntrico e impactante dos quatro diretores.

Criticado pela severidade com que trata suas equipes e atores e elogiado pelo seu vanguardismo, Herzog alia sua paixão pelo monumental ao que pode produzir: o incrível, o sonho, a realidade de maneira intensa. Aqui cabe a tentativa de retirar de suas obras os elementos que fazem de seu cinema uma forma de arte pura, na qual forma e conteúdo ainda assumem caminhos diferentes. Tentemos ver o que o lirismo, documentário, trabalho com atores específicos e improviso presentes nos filmes “O Enigma de Kasper Hauser” (1974), “Strozsek” (1976), “Nosferatu” (1979) e “Fitzcarraldo” (1982) podem proporcionar ao público: aquilo que uma obra de arte tem por escopo. Tal é o objetivo de ser reflexo e ser construtor do social; do dialogar entre autor, obra e público para se prevalecer como elemento construtivo da realidade. Nos dois primeiros filmes há dois elementos em comum. O primeiro deles é o trabalho com o ator Bruno Strozsek. O segundo é questão do homem em sociedade, seja esse homem um ser pré-social, como Kasper Hauser, colocado em contato com ela, ou um músico alcoólatra que muda da sociedade para

outra, como Strozsek. Nos outros dois há, em especial, a participação de Klaus Kinski como principal ator, o qual teve uma história de amor e ódio com Herzog; além disso, são duas obras monumentais, duas óperas elaboradas para o cinema. Em "Nosferatu", proposta de remake do clássico de F.W Murnau, Herzog reconstitui a obra a sua maneira, preservando o que houve de mais impactante do expressionismo junto com os improvisos e lirismos presentes tanto na filmagem quanto na trilha sonora. Esta é de suma importância em "Fitzcarraldo", história que representa o sonho de um homem em construir uma ópera em meio à selva amazônica. Em todos os filmes, o roteiro, quase sempre improvisado, sem sketches, e a trilha sonora trabalham em harmonia para a construção da imagem e do tempo em suas obras.

Nos dois primeiros, tanto Kasper, quanto Strozsek tentam decifrar a sociedade em que se inserem. O primeiro é solto em sociedade após anos em uma masmorra, o segundo viaja aos Estados Unidos com um velho e uma prostituta a fim de construir uma nova vida no sonho americano em Wisconsin, no meio

do nada. Dois roteiros simples, um baseado em uma história famosa na Alemanha, o outro escrito em quatro dias. O movimento se encontra na trilha sonora. Enquanto em "Kasper Hauser" a trilha, em especial, "Canon em ré", de Pachelbel no começo do filme, segue a integração desse homem pré-social na sociedade, sobretudo através da música, em "Strozsek" a passagem da música clássica para o country norte-americano nos dá a dimensão das diferenças que a personagem irá enfrentar. Nos dois filmes, ambos ficam sozinhos, deslocados. Kasper diz: "Mãe, estou distante de tudo", da mesma maneira, Strozsek atenta para a violência das duas sociedades e seus resultados: "Antes eu sentia a violência em meu corpo, aqui (nos Estados Unidos) ela não é física, mas as pessoas a fazem com um sorriso". Esses dois fragmentos somados ao desenvolvimento da música e da própria filmagem, sempre documental, ganham sentido máximo nas duas obras.

Voltando os olhos para os dois últimos filmes, a simplicidade tanto do roteiro e da trilha sonora ainda são fato no trabalho de Herzog. O que muda substancialmente é a atuação

de Klaus Kinski nos dois, e a temática do sonho enquanto realidade. O ritmo do desenvolvimento de uma ópera é presente nos dois filmes. Se utilizando de óperas como trilha sonora, no caso, Richard Wagner, em "O anel dos nibelungos" e "Parsifal", o desenvolvimento das duas obras tem um aspecto monumental, operístico. É aí que as obsessões de Herzog parecem se refletir em seus filmes. A atuação de Klaus Kinski sofre grande influência do diretor, fazendo com que os sentimentos não sejam perdidos pelo aparelho cinematográfico; o ator, em todas as obras de Herzog, ganha o mesmo espaço essencial de um cantor de ópera. Com a abertura de "Das Rheingold", da ópera "O Anel dos Nibelungos", Herzog declara a destruição dos deuses, no caso o deus ocidental, no pequeno vilarejo perto do castelo de Nosferatu; na ópera de verdade, o triunfo dos deuses é apenas uma ilusão. O mesmo acontece com Fitzcarraldo em sua jornada para a construção de uma ópera em meio a selva amazônica. Da mesma maneira que Parsifal consegue revelar o graal para todos, Fitzcarraldo revela a Ópera para uma sociedade em meio à

O que se tenta apreender aqui é a significação delas enquanto formas de arte

Amazônia, com uma poltrona vermelha comprada especialmente para seu porco predileto. Os sonhos são a própria realidade tanto na busca de Nosferatu pela sua presa, quanto na luta de Fitzcarraldo para a realização de um feito parecido com uma ópera. A condução dos dois filmes segue uma linha parecida com o teatro, só se sabe o final a partir do momento em que as cortinas fecham, a história consegue construir seu próprio movimento sem finais previsíveis ou esperados.

Diante de todo o extenso trabalho de Werner Herzog, a missão de decifrá-lo através de quatro obras é impossível. No entanto, não se trata disso. O que se tenta apreender aqui é a significação delas enquanto formas de arte. Nos dois primeiros filmes, a preocupação em dar sentido a formação do homem e da sociedade, e como os dois interagem nesse processo é consolidada com o comprometimento artístico do diretor. O que seria simplesmente uma história torna-se uma ácida crítica à racionalidade e ao projeto de esclarecimento,

como no caso de Kaspar Hauser; em Strozsek a crítica se dirige da mesma maneira ao máximo desse projeto, ou seja, a sociedade norte-americana. Neste último, as mudanças bruscas nos enquadramentos e na trilha sonora constituem uma forte crítica à indústria cultural e ao liberalismo nos dois países. O último par de filmes, por mais que carreguem esses dois questionamentos indiretamente, trazem como a principal tônica o sonho enquanto realidade. Em uma sociedade que a imagem, como afirma Slavoj Zizek, tornou-se o real, a imagem, o movimento e o tempo nas duas óperas mostram a realização das aparências em meio a realidade. Isto é, por trás da realização dos sonhos de duas personagens poderosas, o meio todo se prejudica, se distorce e, por fim, é dominado. Werner Herzog consegue conduzir uma forte crítica às bases da sociedade moderna, questionando o projeto liberal, as concepções de realidade e a própria influência que o cinema tem em tudo isso.



Ninguém começa uma frase com uma vírgula!
O ponto, nem sempre é final
A exclamação pode ser pergunta?
Para que o travessão? A fala se dá ao ato
Sem falar nas crases da repetição
Mas bela língua estranha
Clássica concordância
E a voz?
Que seja ativa
Que o aposto, seja o oposto
Não enroles ao discursar, sejas direto
Quanto ao tempo
Que não só o pretérito
Mas também o presente e o futuro sejam mais-que-perfeitos
Que o indicativo indique o modo subjuntivo
Espero deixar de ver um futuro no pretérito
Uma colisão de coesões de vários pronomes oblíquos
Com circunstâncias adverbiais
Os agentes da passiva já não terão sujeitos pacientes
Há de vir uma argumentação sem aspas
Uma organização das narrativas
E muita cautela na pontuação
Enfim, da vida, das palavras, das poesias e das cores
Reticências...

Nação

Por Neto Leão

O ser pode ser você e eu
A face, o físico e o corpo são tão desiguais

Diferenças de um povo
Maravilha única, tentativa de uma nação
cheia de cores, flores e sons

Identidade, como tê-la sem crê-la?

Viver em barro, cimento, vidro ou madeira

Somos pretos do maracatu
Índios da flauta
Brancos do violão
Somos coloridos

Além da língua, a cara, o coro e o sonho

Alegria de sorrisos tristes e felicidades
sofridas

Acima de tudo amor

Amor pela vida e a bola
Amor pela fauna e a flora

Amor pelo sangue das festas e dos risos!

...

Há os maus dados e os corvos pálidos de
uma capital fria e crua

Sugadores de vida, cultura e sonhos
São caros, sombrios, sarcásticos

...

Mas somos maiores
Somos a criação da mistura
A junção das culturas
Soma dos amores e das dores
Nos faz maior!
Vencemos a chuva e a seca
O vento e a fome
Vencemos eles!
Sabemos o porquê e o quê.
Nos formamos dos cacos
Formamos os vasos das orquídeas
Com solo
Mas sem terra
Com natureza, beleza sem cara
Encontra o sul, o norte e seus horizontes
Encontra a simplicidade e o jeito esperto
Encontra tudo
Mas não tem nada
Encontra nada
Mas tem tudo.

A é que esse? R

Por Dinoê Urbano

Nestes últimos anos, tenho cultivado certo gosto por histórias de amor. Pode parecer vergonhoso para um homem, mas agora permaneço em um estado de encantamento diante de filmes e livros cujos temas envolvem o mais nobre dos sentimentos. No momento em que assisto a um desses filmes ou leio um desses livros, viajo para dentro da história e seu mundo perfeito, no qual todas as personagens vivem para realizar o desejo intenso de estar junto da pessoa amada eternamente, sem que nada os separe.

Não estou apaixonado, caro leitor, mas, nesses momentos, meu coração bate esperançoso como se fosse possível viver uma história dessas na realidade. Os autores e roteiristas da atualidade parecem se esforçar para que suas histórias fiquem mais realistas e menos “melosas”, mas o amor ainda é sublimado e exaltado em todos os enredos. Quando estou no “estado de encantamento”, dificilmente quero sair dele, pois a realidade se apresenta obscura e “dis-

tópica” quanto aos relacionamentos amorosos. Atualmente, os números de divórios batem recordes, a violência doméstica desencadeia uma lei específica... Enfim, se antes o amor de Romeu e Julieta era pouco provável, hoje se tornou impossível. As pessoas se tornaram egocêntricas, vivem para si mesmas. O amor que, segundo próprio Criador, “não busca os seus interesses” é transmutado em uma versão piorada.

Se meu leitor estiver apaixonado, não quero desencorajá-lo. Peço desculpas pelo discurso negativo. Eu, assim como você, ainda creio que viverei uma história de amor digna das páginas de um livro, mas sinto a necessidade de compartilhar o que tenho observado.

Não há dúvidas de que o amor tenha se esfriado e é difícil entender o porquê. Poderia arriscar alguns palpites, mas todos seriam baseados apenas na minha visão de mundo. O que tenho por certo é que, diante de um amor que está desfalecendo pouco a pouco, existe outro que permane-

ce o mesmo desde a fundação do mundo! Sim, este é o amor de Deus. Mesmo que você não creia, atente para esta história, pois apesar de perfeita, como nos filmes, ela é real: Diante de uma criação imperfeita que insistia em errar, o Criador resolveu enviar Seu único Filho para morrer no lugar da sua criatura, e assim redimir a todos para que vivessem junto Dele por toda a eternidade. Incrível, não?

Pensando bem, caro leitor, é preferível trocar um “estado de encantamento” por um estado de alegria pela redenção em Cristo, pois aquele é baseado numa fantasia e este numa verdade eterna.

Não deixarei de apreciar as histórias de amor, pois um dia as posso viver. Mas sempre terei em mente que a mais linda história de amor já foi contada há mais de dois mil anos.

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16)



O Amor e o Céu no Míndo

Desenhos pintados sem forma são só a força de um nome. Nomes, substantivos, sujeitos. Sujeitos sem substância vistos sob o peso de um nome. O nome, algo supostamente único, como único é o corpo que o carrega. O Amor, algo único, que atravessa o corpo; algo com pretensão de universal. No amor, o momento é universo, com todo seu espaço e seu tempo. Nele, todo o espaço-tempo dura o infinito variável de nosso poder de respirar a força da eternidade. Antes e depois tudo é corpo. O corpo é pressuposto, é o momento da sobrevivência. Negar o corpo é afirmá-la, afirmá-lo é alimentá-la. E assim se dá nome aos corpos, e a seus processos também. É Eros em sua eterna tentativa vã de

sobre-viver ao corpo. É o puro em seu incansável sobrevir do indecente – Pois não seria essa dominação uma ação do corpo que o pulsa a transpassar-se a si mesmo até o Amor, até Deus?

Mas, então, que Verdade é essa que faz senhor o maior dos escravos – o amor? É que o amor é um nome sem forma e sem substância. É a pura moral intentando prender-se a si mesma em sua pretensão de universal, de eterna. Mas, como disse Nietzsche, Deus, e assim o Amor, como os pensa Platão, em sua inteligibilidade de universais, eternos e perfeitos – estão mortos! Só os ressuscita quem não aprendeu seu sentido próprio, já que história da dominação do corpo os perverteu.

Só os revive quem não apreendeu a moral em sua continuação, que quer expulsar tudo o que é dominação, que quer pulsar em tudo libertação. É aí onde vivemos hoje. Todos os corpos parecem livres – o mercado os libertou! Essa moral da contradição do corpo quer descolar-se. O Amor se voltou valor e toda Liberação é apenas representação. E a Razão? A Razão nasceu de forma inteiramente não-razoável – do acaso! A Razão agora é racionalidade, pois já não há Verdade, a ciência e a consciência a nega a cada momento. Já não a acreditamos mesmo quando acreditamos crê-la “Do sonho de eterno fica esse gosto acre na boca ou na mente, sei lá, talvez no ar”.

Por Rafael Girondi Dias // Preciso acordar. Acordar, por os pés no chão e respirar fundo a espera de mais um dia, mesmo estando com sono. Preciso tomar um banho para curar o resto de ressaca que permanece em minhas olheiras fundas. Escovar os dentes. Passar desodorante e perfume enquanto escovo os dentes. Preciso fazer a barba. Bochechar três vezes e cuspir sem errar a pia. Vestir uma camiseta limpa e uma calça nem tanto. Encontrar minhas meias perdidas na gaveta. Preciso amarrar os tênis bem amarrados para que eu não precise amarrá-los novamente. Estou atrasado. Preciso tomar um copo de leite, mas isso pode deixar para mais tarde. Preciso sair correndo e trancar a casa direitinho. Não posso esquecer nada se não perco o ônibus. Preciso andar rápido sem me distrair. Ser rápido para atravessar a avenida movimentada sem morrer atropelado. Preciso de um café. Pegar o ônibus lotado sem opção de esperar o próximo. Tomar cuidado para não pisar em nenhum pé. Tomar cuidado para não parecer encarar um estranho e ser mal educado. Preciso não me apaixonar por alguém desse ônibus. Preciso me manter firme para não desabar e descer com cuidado sem ser muito lerdo. Correr rápido para pegar outro ônibus. Preciso sentar no assento para idosos. Preciso dar lugar para um idoso sentar. Preciso dar sinal na hora certa e chegar até a porta. Descer e andar até a cantina. Preciso engolir um pão com manteiga e uma dose dupla de café com três colheres de açúcar mascavo. Não posso perder a hora da aula. Preciso falar bom dia para o professor, ser gentil com os meus colegas. Lembrar tudo o que foi feito a dois dias atrás. Preciso ficar acordado. Preciso ir ao banheiro, mas posso esperar o fim da aula. Preciso responder a questão de maneira correta. Preciso saber a resposta correta. Preciso estudar mais, ficar quieto enquanto ouço o professor discursar sobre a situação política atual do país. Preciso comprar grafite. Preciso levantar-me rápido para ir ao banheiro. Preciso de papel higiênico. Lavar as mãos. Descobrir para qual sala minha aula foi transferida. Outro café. Preciso não desabar na carteira, prestar atenção. Saber se tenho dinheiro em minha conta. Preciso passar no banco. Preciso tomar aspirina para ver se essa dor de cabeça passa. Preciso trocar meus óculos, checar meus e-mails. Preciso estudar mais e alugar um filme de arte na locadora. Preciso ir ao cinema de vez em quando, saber em que posição meu time está na tabela do campeonato. Preciso jogar futebol. Preciso andar logo para não pegar uma fila grande para o almoço. Ter paciência. Lavar as mãos. Preciso comer menos carne e mais salada. Preciso achar um lugar longe dos outros. Preciso parar de olhar para a bunda de todas as mulheres. Preciso trepar. Preciso evitar um início de ereção. Preciso pensar em trabalho, pensar na minha mãe, pensar no último capítulo da novela. Preciso ler mais jornais, mas isso posso pensar depois. Preciso pegar mais um ônibus. Preciso de um desodorante. Preciso escovar os dentes. Preciso chorar um pouco às vezes. Preciso de uma companheira. Trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, cafezinho, trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar. Preciso jogar bola com o pessoal, passar a bola na hora certa, chutar forte. Preciso fazer um gol. Preciso me exercitar mais para não cansar tão rápido. Preciso me acostumar com a derrota. Preciso tomar um banho. Preciso parar de reparar no pênis do cara ao meu lado, beber muita cerveja com churrasquinho. Preciso parar de olhar tanto para aquela mulher do outro lado da mesa. Preciso chegar nela sem queimar meu filme, falar coisas inteligentes, ser engraçado, tentar uma aproximação, beber mais cerveja, mijar. Preciso tomar coragem. Preciso não parecer surpreso com ela me esperando na saída do banheiro. Preciso não parecer idiota. Preciso beijar bem, beijar muito bem, beijar. Preciso fazer a barba. Beijar. Preciso pagar a conta. Preciso chamar um táxi. Preciso manter-me interessante, aceitar o convite para subir. Preciso elogiar o apartamento mesmo ele estando uma zona. Preciso de uma camisinha, acreditar que ela é limpa. Preciso não gozar muito rápido. Preciso fazê-la gozar. Preciso gritar, explicar o porque de ter broxado e que nunca isso acontecera comigo. Preciso ficar quieto, apaixonar-me por ela porque ela é carinhosa. Beijar com amor. Preciso ir para casa, anotar o telefone. Preciso não me esquecer de ligar amanhã, vestir-me, dar um longo beijo de adeus. Preciso correr para pegar o último ônibus. Preciso comprar um carro, parar de pensar nela. Preciso chegar em casa e não dormir no ônibus. Aarrumar o despertador. Preciso dormir, não posso ter insônia hoje. Preciso parar de pensar. Preciso parar com pensamentos suicidas. Preciso de um pijama novo, sonhar, esquecer, sonhar com ela, sonhar que sou um herói, sonhar que estou caindo. Cair, esquecer. Preciso acordar, acordar e por os pés no chão e respirar fundo a espera de mais um dia mesmo estando com sono. Preciso viver.

filtrosolarfator30

reclinarse,
em saudação a todos meus naufragios.
de uns,
fui apenas recolha.
de outros,
soltura impossível, marmórea.
entre tantos abismos,
um eco, uma sombra.
luz possível em margens sem centro.
em ondas e ondas,
a bandeira improvável
recusa e ameaça
o vento.

OURO PRETO AOS DEBOCHES!

"NO DESCOMEÇO ERA O VERBO.

SÓ DEPOIS É QUE VEIO O DELÍRIO DO VERBO.

O DELÍRIO DO VERBO ESTAVA NO COMEÇO,

LÁ ONDE A CRIANÇA DIZ: EU ESCUTO A COR DOS PASSARINHOS.

A CRIANÇA NÃO SABE QUE O VERBO ESCUTAR NÃO FUNCIONA PARA COR, MAS PARA SOM.

ENTÃO, SE A CRIANÇA MUDA A FUNÇÃO DO VERBO, ELE DELIRA.

E POIS.

EM POESIA QUE É VOZ DE POETA, QUE É A VOZ DE FAZER NASCIMENTOS -

O VERBO TEM QUE PEGAR DELÍRIO".

MANOEL DE BARROS

Do ouro, de seus tons, o negro. Diz-se nesta cidade que o preto do ouro que a dá nome é do negro de um minério que ao ouro daqui envolve. Mais que do minério, o negro do preto que dá nome à cidade do ouro, dessas terras afetuosas para os olhos do império ultramarinho de Portugal, dos tempos do século XVIII, é negro de Gana e afins, de pele e de mão, de força, trabalho e criação.

Parece de branco, mas a arte daqui é negra no âmago, e aos deboches. A começar pelas técnicas de extração do tão querido e precioso minério, importadas de Gana junto com

negros e negras que ainda parecem perambular pelos becos, de tão místicos a solidão e as inspirações de uma caminhada noturna por suas ladeiras.

Sim, é arte aos deboches, de negritude e obscuridade, como as artes daquele mulato arquiteto, escultor e obscuro, depois artista e leproso; reconhecido e excluído para os recônditos do mundo. Das artes do artesão artista, de suas faces das esculturas, da dor e da ironia de cada traço branco em que se embacia e em que se negava, nos resta ainda a força da história que fez.

Era mulato, filho de um português

arquiteto, de renome até, que, como muitos portugueses, lambuzou seus genes pelo Novo Mundo. Mas diz-se que tinha boa relação com o pai. Com ele trabalhava, dele devorou letras, ensinamentos e erudição, com ele inspirou-se na arte e na cultura, na religião. Contudo, em tempos da morte, de seu pai não recebeu dotes. Estes foram privilégios de seus irmãos brancos e cônscios, como clara e discriminadamente mandava os costumes da época.

E, assim, foi condenado àqueles tão desconhecidos recônditos pelo qual é tão conhecido, cantos dos detalhes ocultos da perfeição, lugares

Por Gustavo Lanza



vulgarmente chamados de arte barroca brasileira, lugares que expressam sua potência de libertação. Aleijadinho teve vida de trabalho suado e sofrido, de um suor de engrossar o sangue, de lavar os pecados que tanto o divertia. Sim, aos deboces. Imagina-se a talha amarrada à lepra, cada talhada e cada salto de uma dor agonizante; mas vê-se apenas sua sublimação que, como tantos outros negros e mulatos, com mãos de sangue, deram poder e forma às glórias do ouro de Minas Gerais. Porém, não sem seu escandaloso ressentimento, que faz nas artes para o reino deformações próprias de um espírito sutil – um tal brincalhão que perverte em tolas as caras santas da irmandade, num tom sarcástico, se não que até sádico.

As obras desse mulato, Antônio Francisco Lisboa, carregam também o peso das míticas sociedades secretas, dos conhecimentos fechados, de suas simbologias, iconografias e alquimias, de seu sentido de disciplina e libertação, típicos daquilo que foi conhecido como ocultismo

ou hermetismo, coisas de que pouco se sabe, pois diz-se que poucos houveram com espírito capaz de recebê-los, poucos realizaram seu ápice, sua promessa de tornar qualquer coisa tal qual aquele tal querido e precioso amarelo brilhante, o ouro. Dos meandros das igrejas saem percepções que dizem sobre a qualidade alquimista de nosso mulato. Sua transmutação nos salta à vista, seu dourado e seus pasteis, certas cabeças estupidamente angelicais e pálidas, alguns algos de opaco, uns corpos antropomorfos, muitos santos e altares e pilares e muitos tantos outros símbolos inapreensíveis quanto podem apreender um ignorante neste campo, como sou. Ah... o mulato fez formas milimetricamente desproporcionais, feias, mas ainda assim umas iguais as outras, de expressões profundas, belas e bobas de tal sorte que escorregam os olhos para o âmago do sentido misterioso e nítido de suas intenções – crítico e oculto, mas óbvio e pululante.

Quem vem a Ouro Preto nota de

cara o peso das ladeiras em que se impõem as igrejas. Com seus semblantes de toque árabe e de certa imponência humilde, tais igrejas são marcas um tanto quanto salientes nas memórias desse Brasil, como passos que se passaram na história de uma época de opulência, de pegadas que se marcam por seu peso gordo e inconseqüente.

No que concerne ao processo de desenvolvimento de alguma coisa que eu não sarei indelicado nomeando aqui, de um algo que parece ser geneticamente intrincado ao que levou os europeus a transpassarem os mares, conquistando terras e inventando motivos para justificar um tal impulso incontrolável e inconsciente de dominação e exploração; num dos aspectos que se nomeia, pois não assusta, convencionou-se localizar a história desta linda cidade dentro de um momento histórico-econômico conhecido, dentre alguns, como “O ciclo do ouro”. Bem, já se sabe ao que ele deu propulsão. Não sei se a existência ou não desse tal ciclo em nossa história teria

SUA FORÇA SEU PULSO SEU SUBLIMAÇÃO DE SI.

alterado o estado geral das coisas. Afinal, a colonização já acontecia, e logo os europeus, e o mundo, se apegariam mais ao dinheiro que ao ouro. Talvez ficaríamos sem sua beleza citadina, mas talvez teríamos selvagem sua exuberância natural e montanhosa. Ah... selvagem, como faz falta sua violência no espírito dos tão civilizados humanos; mas este é um assunto que extrapola o espaço dessa crônica.

À época de nosso querido mulato, seus habitantes contavam 3 milhões. Para que essa afirmação surta efeito, é imprescindível notar que hoje, com nossos padrões de moradia e com uma extensão territorial mais ampla que a da época, a cidade conta 65 mil habitantes. Num impulso de imaginação, penso que os porões, das bonitinhos e tão aconchegantes ca-

sas do centro, não deviam ser tão graciosos como o são em sua casta externa, nem tão desejados pelos negros como eram esses negros desejados pelo sentimento de poder que levara a existência do trabalho escravo e perigoso das minas – sabem-se lá quantos negros morreram nesses cantos, sabem-se lá quanta riqueza e quanta festa extraíram eles, para outros, de lá.

Mas Aleijadinho não teve a vida de um desses negros ou mulatos quaisquer. Seus trabalhos foram rapidamente valorizados por aquela sociedade sedenta de expoênciia – e então se fez aqueles deboches. Apesar de ter começado a sofrer os efeitos de uma doença degenerativa, a lepra, desde 25 anos, teve vida regada a bordéis e a boêmia, teve reconhecimento social e até mes-

mo escravos. Mas sua doença e suas dores o empurravam cada vez mais aos cantos escuros das igrejas, e sua força canalizava seu impulso vital à sublimação de si. Ah... esse mulato safado transfigura valores de tal modo sagaz e irônico que me tocam como, numa vinculação imediata, me toca Nietzsche e sua anti-metáfisica, sua genealogia, sua poética e seu poder, suas insinuações e detalhes – sua loucura!

Enfim, foi vida regada a deboches e a exageros, como o são estas apreensões contadas feito um conto histórico; seus nexos e cadências, sim me importam, mas seu valor de verdade vem dos contos do povo e de nossa inter-subjetividade. Venhas tu a Ouro Preto e, quiçá, debocharás com a mesma inspiração com que me vieram estas linhas.

TRANSEFIGURA
VALOR
TATTOO
SACAGA
IRÔNICO
MENTOCAM
COMUNICA
VINCIR
MEDIA
ME
NIETZSCHE
E SUA SANT
METAFÍSICA

LOKI!

por Rafael Roncato

NÃO É TODO DIA QUE SOMOS SURPREENDIDOS COM UMA GRANDE HISTÓRIA DE VIDA. SABEMOS QUE POR ESSE BRASIL MULTICULTURAL, DE VASTAS TERRAS E PLURALIDADES PODE SER FÁCIL ENCONTRAR GRANDES PERSONAGENS NOS MENORES E MAIS DESCONHECIDOS FRASCOS. EM LOKI, DIRIGIDO POR PAULO HENRIQUE FONTENELLE, ENCONTRAMOS UM FRASCO DOS GRANDES: PROFUNDO, DE PERFUME MUTANTE, ÁCIDO E SUTIL EM SEU AUGE, PASSANDO POR MOMENTOS DE RENASCIMENTO QUE O LEVAM A SER O MAIS DOCE E INOCENTE POSSÍVEL. FALAMOS AQUI DE ARNALDO BAPTISTA, O MUTANTE D'OS MUTANTES; LOKI, O DEUS MAIS TRAVESSO DA MITOLOGIA NÓRDICA, COM O PODER DE ASSUMIR AS MAIS DIVERSAS FORMAS, E TAMBÉM CONSIDERADO O MAIS COMPLEXO ENTRE AS DEMAIS DIVINDADES.

Levei um ano para assistir as duas horas que mais foram aproveitadas em frente ao aparelho de televisão. Quando notei que Loki iria passar na TV Cultura tarde da noite de sábado para domingo, não titubeei: coloquei alarme, fiz meus pais prometerem de pés juntos que não me fariam esquecer, avisei até vizinho da programação; não poderia perder; já havia enrolado demais. O documentário foi muito elogiado, tantas pessoas não poderiam estar erradas. Às 23h chegou a minha vez em dar opinião: pela uma hora da manhã fiquei convencido, aquelas pessoas estavam com a razão.

Somos levados numa viagem entre as pinturas, tintas e pincéis, imagens

históricas e muitos depoimentos de pessoas próximas a Arnaldo – são músicos, produtores, familiares e acima de tudo amigos. Fontenelle mistura a história do criador dos Mutantes com muita música, imagens pessoais e de arquivo televisivo, relatos do próprio músico, como também filmagens de alguns de seus quadros, todos produzidos na casa em que vive em Juiz de Fora (MG). Vamos da infância até o retorno d'Os Mutantes que não são tão Mutantes, dos amigos e admiradores próximos aos mais distantes – como Kurt Cobain e Sean Lennon, filho do ex-Beatle – e sem esquecer dos amores. Infelizmente não vemos depoimentos de Rita Lee, o primeiro e,

talvez, maior da vida de Arnaldo. Não poderia faltar Arnaldo, Sérgio e Rita no III Festival de Música Popular Brasileira, em 1967, quando Gilberto Gil apresentou acompanhado d'Os Mutantes a música “Domingo no Parque”, que conquistaria o segundo lugar do festival. “Imagina a gente entrando sem o Gilberto Gil num dia de bossa nova com Elis. Não dava certo”, e Arnaldo estava certo: essa apresentação foi um marco, um começo na carreira de um músico exemplar com seus altos e baixos, acompanhado de seu irmão e Rita.

“O que será que me impulsiona na vida? O que me leva a fazer isso? É difícil. Deve ser descobrimento e ex-



ploração.” É interessante também notar que o documentário não fica extremamente preso aos Mutantes, ele também dá importância aos diversos depoimentos de Arnaldo sobre outros assuntos, como quando ouviu pela primeira vez rock n’ roll ao andar numa roda gigante, ou, inclusive, a questões que ele mesmo abre sobre sua vida. “Maiores Alegrias? São as etapas vencidas.” Etapas que vão desde seu amor pela música até o contato com as drogas e a autodestruição. Nos anos 70 a droga da época era o ácido e evidentemente com o sucesso d’Os Mutantes, acompanhado das idas e vindas a Europa, a descoberta era inevitável. Desse contato, o mais afetado

foi Arnaldo, modificando sua música e também seu comportamento. Ele é visto em sua forma humana, muito além de seu personagem Mutante músico que virou uma lenda nacional e internacional. Tom Zé analisa Arnaldo de uma forma que jamais havia visto – fazendo com que seja um dos depoimentos mais interessantes, além de me fazer arrepiar os pelos dos braços. “As pessoas não procuram ficar perto dele. Parece que tem medo. Realmente, a sabedoria mete medo. Eu não to falando da sabedoria no sentido universitário, talvez nem no sentido da ciência desenvolvida. To falando de um tipo de conhecimento muito concentrado dessa vida tão profícua, do gran-

de mistério que ele viveu."

Rogério Duprat vai além e comenta que a história do Brasil pós-67 era de Arnaldo, da mesma maneira que os Mutantes trouxeram um frescor aos tempos de ditadura militar. Os Mutantes fizeram história na história, assim como Loki é mais profundo que uma cinebiografia. É a história do Brasil contada através da música e vida de um personagem complexo e incompreendido. Jamais pensaria que esse tipo de filme biografia poderia prender tanto a atenção ao ponto de querer saber mais logo após chegar aos créditos. E olha que esse é apenas o primeiro longa-metragem de Paulo Henrique Fontenelle. Começou bem, soube contar uma boa história.

EU ESTOU EMBURRECENDO.

Foi essa a conclusão a que chegou no terceiro ano da faculdade. Há três anos era capaz de refletir sobre aquilo que o cercava. Tinha tempo. Tempo, o que é? Recorreu ao Houaiss: “oportunidade para a realização de alguma coisa”.

SÓCRATES FOI UM GRANDE FILÓSOFO,

pensou.

QUE SERÁ QUE ASSIM O SERIA SE TIVESSE QUE PASSAR 8 HORAS

SENTADO EM UM ESCRITÓRIO? ELE TERIA TEMPO PARA PENSAR

SE NÃO PUDESSE USUFRUIR DO ÓCIO? POR QUE INSISTEM EM

PREENCHER MEU DIA COM COISAS QUE ME IMPEDEM DE PENSAR,

Começou a digressão: Bacon, Jung, Goethe... Regurgitava pensadores.

VAMOS AO RODEIO HOJE!

QUEM OLHA PARA FORA, SONHA. QUEM OLHA PARA DENTRO, ACORDA.

UMA BOA CONSCIÊNCIA É UM BANQUETE ININTERRUPTO.

O que acontece com o Beto, hein - perguntavam à meia boca seus amigos.

Tornou-se um chato, ninguém queria estar ao seu lado. Em seus poucos momentos livres, ele escrevia suas memórias, pensamentos. Teorizou e chegou à conclusão de que escrever era um ócio muito trabalho, parafraseando Goethe. Criou então, para que seus pensamentos perdurassem, a Teoria dos Sinais de Pontuação: as pessoas dividiam-se em pontos finais, de interrogação, dois pontos, exclamação e vírgulas.

Os pontos finais eram aqueles que não refletiam, não gastavam tempo pensando. Os filósofos e grandes pensadores eram os pontos de interrogação. Já aqueles que viviam no laissez faire, laissez passer eram os pontos de exclamação, professores eram os dois pontos e as vírgulas eram os pensadores medíocres, medianos. Endoideceu. Ao andar na rua, ao conversar, enxergava apenas os sinais de pontuação.

OL, BETO! OL, EXCLAMAÇÃO. (Há?!).

BETO, VOCÊ VIU O EDUARDO? QUEM?

E-DU-AR-DO. AQUELE PONTO FINAL? NÃO, NÃO VI. (?!).

Amor, vamos jantar hoje?

NA REALIDADE, VOCÊ NÃO PASSA DE UMA VÍRGULA, PRECISA PENSAR COM MAIS CONCRETUDE.

Com o tempo, as Vírgulas, Exclamações e Pontos finais catalogaram-no: virou um trema.

VIVA A REFORMA ORTOGRÁFICA, brindaram os amigos.

MAMONAS, ASSAS NA BAHIA NÃO PODE PARAR

Por Rafael Roncato

Documentário “Mamonas, o doc” conta a história da banda que conquistou o Brasil com autenticidade e humor.

“As pessoas olhavam para mim e diziam: ‘É impossível, cara, é impossível você chegar até aqui’. Manda eles para p****. É possível sim! É possível realizar o sonho de vocês sim. Vocês são capazes! Acreditem em vocês. Você pode, cara. Se você não acreditar em você, ninguém vai acreditar. Luta pelo seu sonho. Nesse ano, luta por você que você vai chegar aonde você quer. Eu quero que vocês saibam de uma coisa: a gente vendeu mais de dois milhões de cópias em discos, a gente hoje é ‘os artistas’ número 1 do Brasil, é o que mais faz show, é o que mais ganha dinheiro, é o que mais tá na mídia. E nós continuamos de Garulhos. O sucesso não sobe na cabeça das pessoas não. Sobe o sucesso na cabeça de pessoas fracas. Nós não somos pessoas fracas não. Se a gente fosse fraco, a gente teria desistido há cinco anos atrás , quando as pessoas diziam que a gente nunca ia chegar aqui. E nós estamos aqui, Ca*****!” →

TE ENCONTREI TODA REMELENTE E ESTRONCHADA NUM BAR ENTREGUE AS BEBIDA TE CORTEI OS CABELOS DO SUVACO E AS UNHAS DO PE TE CHAMET DE QUERIDA TE ENSINEI TODOS OS AUTO-VERSE da VIDA E O MOVIMENTO DE TRANSLAÇÃO QUE FAZ A TERRA GIRAR TE FALEI QUE ERA IMPORTANTE COMPETIR MAS TE MATO DE PANCADA SE VOCÊ NAO GANHARI VOCE FOI AGORA A COISA MAIS IMPORTANTE QUE JÁ ME ACONTECEU NESTE MOMENTO EM TODA A MINHA VIDA UM PARADOXO DO PRETERITO IMPERFEITO COMPLEXO COM A TEORIA DA RELATIVIDADE NUM MOMENTO CRUCIAL UM SÁBIO SOUBE SABER QUE O SÁBIA SABIA ASSOBIA E QUEM AMAFAGAFAR OS MAFAGAFINHOS BOM AMAFAGAFICADOR SERA TE FALEI QUE O PEDIATRA E O DOUTOR RESPONSÁVEL PELA SAÚDE DOS PÉ O 'ZÓISTA' CUIDA DOS ZÓIOS E O OCULISTA DEUS ME LIVRE, NUNCA VÃO MEXER NO MEU POIS PRA MIM VOCÊ É UMA BESTA MITOLÓGICA COM CABELO PIXAIM PARECIDA COM A MEDUSA EU DISSE ISSO PRA RIMAR COM A SOMA DOS QUADRADOS DOS CATETOS QUE É IGUAL A PORRA DA HIPOTENUSA VOCE FOI AGORA A COISA MAIS IMPORTANTE QUE JÁ ME ACONTECEU NESTE MOMENTO ATÉ HOJE EM TODA A MINHA VIDA UM PARADOXO DO PRETERITO IMPERFEITO COMPLEXO COM A TEORIA DA RELATIVIDADE NUM MOMENTO CRUCIAL UM SÁBIO SOUBE SABER QUE O SÁBIA SABIA ASSOBIA E QUEM AMAFAGAFAR OS MAFAGAFINHOS BOM AMAFAGAFICADOR SERA EU FUNDEI A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE PROTEÇÃO AS BORBOLETAS DO AFEGANISTÃO TE PROVEI POR B MAIS C QUE AS MENINAS DOS TEUS ZOIO NÃO TEM MENSTRUACAO DAR UM PRATO DE TRIGO PRA DOIS TIGRES E VER OS BICHOS BRIGANDO E LEGAL QUE SO (MIAUUI..) POIS NOS TIRA E POE DEIXA FICAR' DA VIDA SEREI SEMPRE SEU ESCRAVO-DE-JO VAMOS PARA O FIM LOGO AGORA QUE VOCÊ ESTAVA QUASE ENTENDENDO O QUE EU ESTOU FALANDO (FALANDO) A CANÇÃO ESTA ACABANDO E O CREUZEBECK ESTA ABAIXANDO ALI O VOLUME (VOLUME) E VOCÊ NAO ENTENDE NADA MESMO PORQUE QUANDO VOCÊ ESTIVER EM SUA CASA NESSE MOMENTO A MUSICA VAI TÁ BAIXINHA (BAIXINHA) E VOCÊ NAO VAI ENTENDER NADA MESMO PORQUE NAO SEI POR QUE EU TÔ FALANDO ESSE MONTE DE Besteira Aqui Tá QUE ESTOU.. PORRA! VAMO PARAR COM ESSE PAPO CHATO RAPAZI (VAMO LA) EUJÁ NÃO ESTOU ÁGUENTANDO MAIS, ESTÁ DOENDO MINHA GARCANTA EU TENHO QUE FAZER ALI UM GARGAREJO COM VINAGRE SOLTE UM PEIDO AQUI DENTRO (CARALHO!) ESTÁ FEDIDO O AMBIENTE, MEUS DEOS ESTÃO DORMENTES PELO AMOR DE DEUS, PAREM COM ESTA PORRA!

Parecia entalado há anos na garganta do vocalista dos Mamonas Assassinas, e agora está registrado na eternidade por uma câmera amadora no ginásio do Thomeozão, em Garulhos. É através desse desabafo raivoso do sempre sorridente Dinho que se constrói a cena mais emocionante do recém exibido documentário Mamonas, o doc. O ginásio que servia de palco para as maiores bandas brasileiras agora era pequeno demais para Dinho, acompanhado de Bento (guitarra), Julio Rasec (teclados) e os irmãos Samuel (baixo) e Sérgio Reoli (bateria); e esse não era mais um show na agenda lotada dos cinco. Havia ali um gostinho especial, como de uma revanche, talvez uma vingança – que é um prato que se come frio, e o Mamonas esperou para prová-lo. O próprio diretor Cláudio Kahns considera essa cena a sua favorita do longa-metragem: "Ele estava puto porque eles tinham tentado tocar lá cinco anos antes como Utopia e o prefeito não tinha deixado. E naquele momento o Dinho estava com os Mamonas Assassinas, todos famosos, e ele acaba fazendo esse discurso bem bacana, bem forte".

Exibido recentemente como abertura do segundo Festival Internacional do Documentário Musical, o In-Edit Brasil, o filme relembraria em uma hora e 24 minutos a trajetória de cinco talentosos garotos de Garulhos que conquistaram um Brasil de diferentes idades e classes sociais. Segundo o diretor, a ideia do documentário surgiu por acaso quando ele foi convidado pelo cineasta Mauricio Eça para ajudar na gravação de entrevistas como material de pesquisa do

filme ficcional sobre a banda. Após entrevistar amigos, familiares, empresários, produtores e fãs, o diretor percebeu ao juntar todo o material produzido que ali estava o embrião de seu filme. Agora o trabalho seria mais duro.

A produção levou cerca de três anos para ser finalizada. Alguns dos materiais usados na composição da narrativa eram dos próprios familiares, enquanto outros tinham que ser buscados e negociados, nem sempre com sucesso, em diversas emissoras. "A questão do direito de imagens atrapalhou muito o processo de composição do documentário", conta o diretor que se arrepende por não ter conseguido algumas ótimas imagens, como a apresentação do grupo no programa Jô Onze e Meia. "Para você ter uma idéia, demorei quase um ano para conseguir autorizações para utilizar certas imagens", completa Kahns.

A composição do filme também teve a contribuição, em parte, dos próprios Mamonas, já que todos tinham o costume de registrar em vídeo várias situações e brincadeiras. "Os Mamonas adoravam se filmar, gravar as brincadeiras entre eles e as apresentações do grupo", conta Kahns. A graça da narrativa acaba por ter esse material, muitas vezes inédito, cedido pela família dos músicos para compor em ordem cronológica o rumo e a conquista do rápido estrelato. Infelizmente a qualidade de algumas filmagens deixa a desejar devido ao equipamento da época, mas de maneira alguma chega a atrapalhar a festa mamônica, principalmente a nossa.

Da tentativa em gravar um videoclipe

TE ENCONTREI TODA REMELENTE E ESTRONCHADA NUM BAR, ENTRECUE ÀS BEBIDA TE CORTEI OS CABELOS DO SUVACO E AS UNHAS DO PE TE CHAMEI DE QUERIDA TE ENSINEI TODOS OS AUTO-VERSE DA VIDA E O MOVIMENTO DE TRANSLAÇÃO QUE FAZ A TERRA GIRAR TE FALEI QUE ERA IMPORTANTE COMPETIR MAS TE MATO DE PANCADA SE VOCÊ NÃO GANHARI VOCE FOI AGORA A COISA MAIS IMPORTANTE QUE JÁ ME ACONTECEU NESTE MOMENTO EM TODA A MINHA VIDA UM PARADOXO DO PRETERITO IMPERFECTO COMPLEXO COM A TEORIA DA RELATIVIDADE NUM MOMENTO CRUCIAL UM SÁBIO SOUBE SABER QUE O SABIA SABIA ASSOBIA E QUEM AMAFACAFAR OS MAFAGAFINHOS BOM AMAFAGAFIGADOR SERÁ TE FALEI QUE O PEDIATRA É O DOUTOR RESPONSÁVEL PELA SAÚDE DOS PE O 'ZOISTA' CUIDA DOS ZOIOS E O OCULISTA DEUS ME LIVRE, NUNCA VAO MEXER NO MEU! POIS PRA MIM VOCÊ E UMA BESTA MITOLÓGICA COM CABELO PIXAIM PARECIDA COM A MEDUSA EU DISSE ISSO PRA RIMAR COM A SOMA DOS QUADRADOS DOS CATETOS QUE E IGUAL À PORRÁ DA HIPOTENUSA VOCÊ FOI AGORA A COISA MAIS IMPORTANTE QUE JÁ ME ACONTECEU NESTE MOMENTO ATÉ HOJE EM TODA A MINHA VIDA UM PARADOXO DO PRETERITO IMPERFECTO COMPLEXO COM A TEORIA DA RELATIVIDADE NUM MOMENTO CRUCIAL UM SÁBIO SOUBE SABER QUE O SABIA SABIA ASSOBIA E QUEM AMAFACAFAR OS MAFAGAFINHOS BOM AMAFAGAFIGADOR SERÁ EU FUNDEI A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE PROTEÇÃO AS BORBOLETAS DO AFGANISTÃO TE PROVEI POR B MAIS C QUE AS MENINAS DOS TEUS ZOIOS NÃO TEM MENSTRUACAO DAR UM PRATO DE TRIGO PRA DOIS TIGRES E VER OS BICHOS BRIGANDO E LÉGAL QUE SQ (MIAUUU...) POIS NOS TIRA E POE DEIXA FICAR DA VIDA SEREI SEMPRE SEU ESCRAVO-DE-JO VAMOS PARA O FIM! LOGO AGORA QUE VOCÊ ESTAVA QUASE ENTENDENDO O QUE EU ESTOU FALANDO (FALANDO) A CANÇAO ESTA ACABANDO E O CREUZEBECK ESTAABAIXANDO ALI O VOLUME (VOLUME) E VOCÊ NAO ENTENDE NADA MESMO PORQUE QUANDO VOCÊ ESTIVER FM SUA CASA NESSE MOMENTO A MUSICA VAI TÁ BAIXINHO (BAIXINHO) VOU NAO ENTENDO NADA MESMO PORQUE TÁ TUDO ANDANDO ESSE MUNDO DE BELEZA, EIRA ACU JÁ QUE ÈS, QUERIA PARRA, VAMOS PARAR COM ESSE PAPAI CHATO, RAFAEL, ZI (VIMOLA) EU NAO È TOU EQUENTANDO MAIS ESTA PENDO MINHA GAGANTA E TEIJO QUE FAZER ALI UM CRCAREIO COM VINCIRE, SOLTEIUM PEDEDO AQUI DENTRO (CA ALFÔDÔ) ESTA DIDO O AMBIENTE MEUS DEIXOS ESTAO DORMENTES PELCAMOR DE FUS, PAPEM COMESTIR, EU TÁ UM BEIJONADA CHAMEI RUA PASSEAR A CENTRÔMOS NOUHOPPING, PAA'MO DE A JENTE LAR CHAR COM RICHES ESTRAIROS, TE QUE TAVA COSOSO ESSA ELA PREFIRO ALPIQUANTA CENTE, QUITANTIA ALEGRIA, A MIRAH FELICIDADE E UM CREDIARIO BORA ONDE QUE ENTRA HEI? ESSE TAL "HOPIS CENTO" E MUITO CALZINHO, FRA LEVA AS NA TORRADAS E PAR JNS RUEZINOS QUANDO EU ESTOU NO KABALHO, NAO VEJO A HOADEDFERIOS ANDAMOS PRA PECAR E U 1 CREDIARIO JAS CASAS BAHIA/ E MINHA PISTOLA E QUERO CHUPAAR.) DEVIDO A UM ATODS SILICONE YEAH! FANTASTICO COM OCE, AMOR) COM JM GAY!!! ABRA SUA EAD TEM GAY QUE AMBEM PODÉ NAO OBOCOP GAY, UM VAR A GALERA PRA JDO O MEU FEIJAO CONHA SO TINHA (O CREUZEBEK AO FOI UM BARRACO) VOCÈ NAO SABE O CHATEADO VER DIS NUM TAVA AQUI AQUI WORKANDO AO MICROONDAS, QUE E, SE DER UMA DA BACIA MONEY NEY QUE E GOOD PIOR DE TODAS E SINHA, CAMISOLA E O AQUELE DITADO DIS NUM TAVA AQUI AQUI WORKANDO TA ME DEIXANDO E, MINHA PITCHULA AI! MAS COMIGO XENTE AI, AI, AI!) E Y BEAUTIFUL VOCE ARAGUAI ELA NAO UAI! EU NAO SEI O UL VOCÊ ME DEIXA AIS UM POQUINHO OMER TATU E BOM CABRITA TEM SEIOS RO QUE COME A ANIMAL TEM UNS DAS COSTAS E AS QUE PAREÇA FICAM COMBA COM MIRANDO DA CACA DOS CHO INTERESSANTE QUINHAS QUE POR E E O PINTCHO DE DEIXAM UM RASTRO AO CRE-CRE NAO CRO-CRO, SABAO O SACO, ENROLAR S DE UMA SEMANA MARIA CHORANDO CDA, RODA E VIRA,

precário ainda com o nome de Utopia – a banda mundialmente famosa em Garulhos que vendeu 100 cópias de disco aos amigos -, até a ida e aventura em Los Angeles para finalização do álbum de estreia, de 1995, notamos quanto eram engraçados e divertidos, principalmente fora dos palcos. “Muito do material eles filmavam em momentos completamente descontraídos. Dava para ver que eles eram muito brincalhões entre eles. O que faziam no palco, eles também faziam entre eles em brincadeiras. Foi daí que surgiu, inclusive, essa maneira de ser”, garante Kahns, que confessa ter se tornado um fã da banda ao longo da produção do documentário.

Mesmo com tanto material inédito no filme, a alegria dos fãs não irá parar por aí. Segundo o diretor, parte do material não usado no documentário será reaproveitado para o celular. “São materiais inéditos de 40 segundos para quem quiser baixar e ver pelo celular. Qualquer filme que se faz, você tem mais material do que acaba usando, então decidimos disponibilizar parte dele”, explica Kahns.

Ele apenas não sabe ainda quando esse material será liberado, visto que Mamonas, o doc ainda não se encontra no circuito nacional. O documentário poderá dar as caras pelos cinemas nacionais no mês de junho, mas segundo o diretor por enquanto não há nada confirmado. Como havia dito, o trabalho seria mais duro. Kahns comenta o quanto complicado é lançar de maneira ampla um filme no circuito, são detalhes, burocracias e também uma incansável busca pelo distribuidor ideal.

Mesmo com certo atraso em ingressar no circuito, essa história levará muitos fãs com saudades, como também novas gerações, aos cinemas espalhados pelo país. Mesmo treze anos depois do trágico acidente de avião, os cinco garotos que tinham o sonho de viver da própria música, e ouvi-la algum dia no rádio, parecem mais vivos e divertidos do que nunca. Mamona, o doc não surge como lamentação de uma grande perda na música e no humor brasileiro, Kahns nos traz a celebração da vida e da brincadeira ao redor dela. Atenção, Creuzebek, que a baixaria continua.

LET'S LOMO!

Por Paula Senatore

Você mexe pela parte detrás e abre. Coloca o rolinho, puxa pela língua, encaixa nos dentes. Fecha a parte detrás. E gira até ouvir o primeiro click. Pronto, let's Lomo!

Quem imaginou que nunca mais veria alguém com uma câmera analógica pelas ruas... Que espanto! Elas voltaram e muito, muito loucas e divertidas. Graças à percepção, ao empreendedorismo e à maluquice de dois jovens vienenses.

Nos início dos anos 90, esses dois amigos mochileiros passeavam por Praga quando descobriram, numa peculiar loja de câmeras fotográficas, uma máquina russa, pequena e robusta. Compraram a Lomo – sigla para Leningradskoye Optiko Mechanicheskoye Obyedinenie (União de Óptica Mecânica de Leningrado), uma empresa fabricante de equipamentos ópticos situada em São Petersburgo (a Leningrado dos tempos da URSS), na Rússia – e saíram fotografando de maneira bem despretensiosa: sem olhar no visor, sem privilegiar enquadramento, sem pensar na luz. Brincando, não sabiam que estavam criando praticamente um novo gênero fotográfico, que batizariam mais tarde de lomographya. Quando voltaram para casa, revelaram as fotos e ficaram impressionados com as cores incríveis que a pequena russa produzia. Mostraram para os amigos e, então, a loucura foi começando: todos queriam uma Lomo!



AS 10 REGRAS DE OURO DA LOMOGRAFIA

1. LEVE A SUA CÂMERA ONDE QUER QUE VOCÊ VÁ.

2. USE-A A QUALQUER HORA DE DIA OU DE NOITE.

3. A LOMOGRAFIA NÃO É UMA INTERFERÊNCIA NA SUA VIDA, É PARTE DELA.

4. TENTE FOTOCARAFAR DE TODAS AS MANEIRAS.

5. APROXIME-SE DOS OBJETOS QUE MOVEM O SEU DESEJO LOMOGRÁFICO O MAIS PERTO POSSÍVEL

6. NÃO PENSE.

7. SEJA RÁPIDO.

8. VOCÊ NÃO PRECISA SABER O QUE FOI CAPTURADO NO FILME.

9. E DEPOIS TAMBÉM.

10. NÃO LEVE A SÉRIO NENHUMA REGRA.

Origens

Essa câmera foi inventada em 1983: o general Igor Petrowitsch Kornitzky mostrou para seu camarada diretor da maior fábrica de produtos óticos soviéticos (que, além de telescópios, fabricava mira para armas...) uma câmera compacta japonesa. E disse: inventa uma igual!. Ordem de general é ordem de general, ainda mais em tempos soviéticos. Assim nascia a Lomo LC-A. Petrowitsch (que, como todo bom general, ainda mais soviético, não era bobo nem nada...) tinha um plano: cada cidadão registraria com sua Lomo a felicidade do modo de vida soviético. Propaganda boa, barata e pra lá de realista...

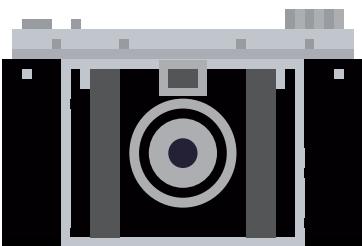
O muro caiu, o modo de vida soviético já era e a Lomo, quem diria, se espalharia pelos quatro cantos do globo.

Mas, afinal, qual é a graça?

Para quem cresceu antes da época digital, uma câmera analógica parece trazer uma alegria quase infantil. Para aqueles que só se viram estampados em telas e impressões, talvez exista aquela nostalgia vintage daquilo que nunca foi vivido. Mas a alegria de alguns trintões ou certo saudosismo

juvenil é muito pouco para gerar a força do universo lomográfico. Talvez o fascínio das Lomos esteja na instauração do mistério, do não-controle, da espera pelo resultado. Em nosso universo digital, tudo é previsto, visto, alterado. No visor da câmera, já se vê imediatamente o resultado da foto. Há pouco espaço para o “descontrole”. A foto não ficou boa? Basta apagar e tirar mais 300! Ainda não? O photoshop resolve... Com as Lomos, estamos de volta para o mistério da câmera escura. E, além disso, as Lomos trazem uma descontração que não se tinha na época das analógicas. A fotografia tinha certa seriedade, uma necessidade de “tem que dar tudo certo”. Com as Lomos, o mais importante é se divertir, como mostram as dez regras de ouro da lomografia, cuja essência é “não pense, apenas fotografe”.

E não diga que “não existe nada que o Photoshop não faça”... Sim, o deus da imagem pode tudo. Mas nada como a sensação de você e sua pequena câmera conseguindo efeitos incríveis sem a interferência de um bit de computador.



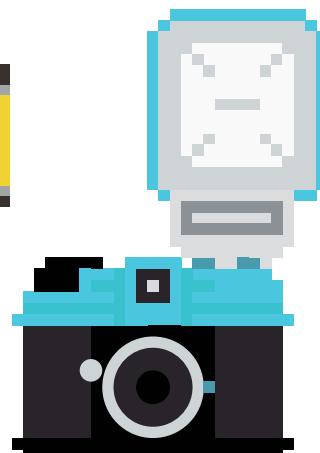
lomo lc - a



fisheye



action sampler



diana

LOMO LC - A

Essa é a primeirinha. É conhecida por produzir fotos com cores radiantes, estonteante contraste e bordas das imagens escurecidas. E você não precisa se preocupar com a quantidade de luz: a Lomo calcula o tempo de exposição e mantém o obturador (uma das peças que regula a entrada de luz dentro da câmera) aberto até que a luz esteja adequada. Se você não quer uma foto borrada, é preciso ter mão firme ou um tripé no caso das fotos noturnas sem flash. O foco da Lomo é conhecido por ser ocasionalmente temperamental... O novo modelo LC - A+ oferece o recurso de múltipla exposição (as imagens podem ser sobrepostas em uma mesma chapa), seletor de ISO (a sensibilidade do filme) expandido até 1600 (o mais visto por aí é 100) e entrada para cabo disparador. Além disso, você pode adquirir o Colorsplash Flash Chakra Edition: um flash com nove cores diferentes que deixam as fotos diurnas ou noturnas com um colorido assombroso. Cada Lomo vem numa caixinha muito especial e com um livro com fotos de lomógrafos de todo o planeta.

FISHEYE

Em 2005, foi lançada a primeira “olho de peixe” compacta. É o mundo distorcido, como se estivesse sendo visto de dentro do aquário, e com a mesma idéia da Lomo original: as cores continuam muito vivas e são ainda mais acentuadas pela borda escura da imagem. Há também a opção de *flashes* coloridos.

ACTION SAMPLER

Nem só de cópias russas vivem os espertos rapazes vienenses. Em 1998, eles inventaram a sampler. São quatro lentes, que abrem com intervalos diferentes. Uma mesma chapa fotográfica é dividida em quatro e pode ser captada uma sequência de movimentos. As lentes são de plástico, claro. Afinal, a sampler é uma Lomo. Hoje há modelos com até nove lentes!

UM LOMOUNIVERSO

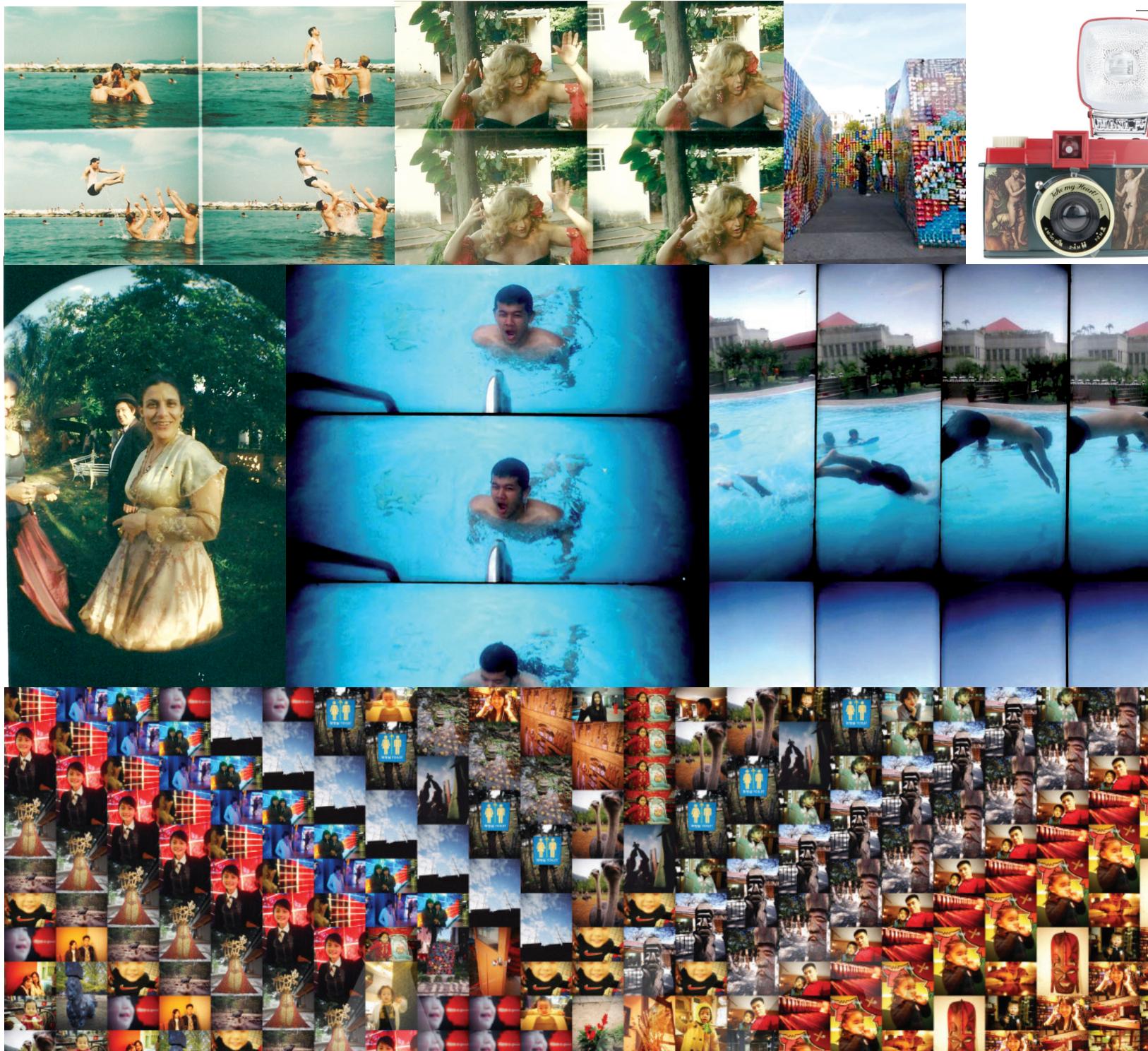
Esses caras realmente abriram a porta da criatividade. Fizeram releituras de câmeras dos anos 60, como a Diana. Há um conjunto de lentes para essa beleza - todas de plástico...

Alguns modelos ganham versões especiais, como a Diana Take my heart, que traz nada mais nada menos que Adão e Eva!

E, claro, são produzidos filmes em 35mm, 120mm (usado pela Diana), redscale (um filme que deixa todas as cores avermelhadas), slide, preto e branco. Além de livros, bolsas especiais, cadernos, camisetas etc etc: é o lomo fashion stile.

A VIDA ANALÓGICA

A Lomo, dizem, é um estilo de vida. E isso podemos notar no site que congrega a lomocomunidade virtual. Há fotos do planeta inteiro e essa talvez seja uma das maiores ambições dos criadores da lomografia: criar o maior acervo de imagens do planeta. Na última Photonia (maior feira internacional da indústria fotográfica, realizada a cada dois anos em Colônia, Alemanha), a Sociedade Lomográfica exibiu 50.000 fotografias do megalômano projeto LomoWorld-Map. A forma da exibição é aquela preferida pelos lomógrafos: um lomowall.



SERÁ QUE PODEMOS
SER ANALÓGICOS
NOVAMENTE?
PARECE BEM
DIVERTIDO...

Info

No Brasil:

www.lomography.com.br

Você faz suas compras on-line
e rapidinho tem sua Lomo em mãos.

Em Campinas:

www.onzedezesseis.com.br

Aqui é para quem gosta de dar uma
apalpadela antes. Além de Lomos,
há filmes, livros e acessórios.

Preço:

Há câmeras de 80,00 a 800,00
reais... Ou menos, ou mais...



AS LÍNGUAS DO BRASIL

Por Lucas Hackradt

São 7 horas da manhã. Uma senhora vira-se para o marido e diz: "Buongiorno[*]". A 120 quilômetros dali, à mesa do café da manhã, um rapaz que cultiva suas raízes brinca com a mãe: "Zeg, moeder, zijn de eieren al gebakt?*". Apesar de tudo, não estamos na Europa, porque, de volta à primeira localidade, não muito longe da família italiana, um diálogo qualquer em Tupi também começa logo cedo. Wir sind in São Paulo*. Mesmo imaginários, os diálogos acima ilustram que, apenas em um Estado brasileiro, são faladas, pelo menos, 20 línguas diferentes do Português. No País todo, passam de 200 os idiomas.

O português é, de fato, o idioma mais amplamente executado no país. Trata-se, ainda, da expressão lingüística oficial da nação. Contudo, nem de longe figura como a única língua brasileira. Dos quase 190 milhões de brasileiros – censo estimativo de 2008 – espalhados em uma área de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, muitos não são falantes lusófonos. A “língua do Brasil”, portanto, não é uma, são várias.

O Estado, desde 1988, deu à Língua Portuguesa o sta-

tus de única língua oficial, mas reconhece o direito de cada pessoa falar e expressar-se em qualquer idioma. “Há a liberdade de cada um falar sua própria língua, sem que o Português exerça uma ‘ditadura’ lingüística. A Constituição, então, reconhece aos povos que eles têm direito a sua cultura e idiomas”, afirma o Professor Eduardo Guimarães, linguista da Universidade de Campinas (Unicamp) e coordenador do projeto Enciclopédia das Línguas no Brasil (ELB).

[*] Bom dia, em Italiano

* Diga-me, mãe, os ovos já estão prontos?

* Nós estamos em São Paulo

[†] Todas as nações, no idioma Nheengatu, de acordo com <http://bit.ly/kou6st>

FALARES E SOTAQUES

Curiosamente, há uma proximidade notável entre as formas lusófonas de se falar no Brasil. “Em relação ao Português de Portugal, o do Brasil tem tantas mais diferenças. Há mais variações entre este e aquele que entre os diferentes falares do Português brasileiro. É como se este fosse outra língua, com características particulares”, diz o professor Guimarães.

Não fosse a oficialização do idioma, porém, e dada a vasta extensão de nosso território, especialistas acreditam ser provável que as diferentes formas da língua lusófona brasileira tivessem evoluído independentemente, criando uma quantidade impensável de dialetos, como em países como a China ou a Índia.

“O que surpreende é que, sendo o Brasil o país grande que é, haja esse grau tão enorme de proximidade entre os diversos ‘falares’ aqui. Uma pessoa do extremo sul entende perfeitamente uma pessoa do Nordeste, mesmo que aqui ou ali apareçam palavras que lhe sejam estranhas”, continua o linguista.

O PORTUGUÊS MADE IN BRASIL

Outra curiosidade do idioma do Brasil é que ele conviveu com outras línguas, incorporando suas peculiaridades. “O Brasil é um país multilíngue. Essa característica linguística é significada politicamente pela tensão histórica entre um imaginário de unidade, comum a um grande número de países contemporâneos, e uma divisão das línguas e de seus falantes”, constata Eduardo Guimarães.

No decorrer dos anos, as influências das línguas africanas, de imigrantes e indígenas foram tantas que falar em “português” acaba parecendo equivocado para alguns estudiosos. De todos os oito países lusófonos – nove, se considerado Macau, província autônoma chinesa -, o Brasil é um dos que possui o idioma que mais se separa daquele de Portugal.

“A questão da língua que se fala toca os sujeitos em sua autonomia, em sua identidade, em sua autodeterminação. E assim é com a língua que falamos: falamos a língua portuguesa ou a língua brasileira?”, questiona-se a professora Eni Orlandi, linguista e coordenadora do Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb), da Unicamp. O debate data de anos; o movimento de reconhecimento do português começou, na realidade, em 1946, quando, naquela Constituição resolveu-se que o nome “português” seria o da língua do País, sem ainda oficializá-lo como idioma oficial nacional. “Foi uma escolha política. Os constituintes poderiam ter optado por uma outra língua, o ‘brasileiro’, ou qualquer outra nomenclatura. Mas resolveram aproximar-se das nossas raízes e dizer que no Brasil também falava-se o português”, completa Eduardo Guimarães.

Mas o fato comprovado é que o idioma que se fala no Brasil, o mesmo que evoluiu do Português, difere deste – menos na normatização padrão da escrita. Mesmo essa “norma culta” existe porque continuamos a chamar nossa língua de Português, o que nos faz, portanto, obedecer às regras deste. “O português e o brasileiro não têm o mesmo sentido. São línguas materialmente diferentes”, finaliza Orlandi.

MÍRA PAÚÉ[†]

O “brasileiro” foi influenciado diretamente pela convivência com três grandes grupos linguísticos, um deles o das línguas indígenas. Um dos estudos dessas línguas nativas do Brasil é o Professor Angel Corbera, também da Unicamp. Segundo ele, hoje haveria algo em torno de 180 línguas indígenas “vivas” – ainda sendo praticadas – no Brasil. Dessas, a grande maioria pertence ao tronco linguístico do conhecido Tupi-Guarani.

“De acordo com os cálculos do professor da UnB, Aryon Rodrigues, à chegada dos europeus portugueses havia aproximadamente 1.175 línguas indígenas. Diversos fa-

PORTUGUÊS BRASILEIRO ALÓCTONES MANDARIM GUARULHOS OCAS LIBRAS DIALETOSS

tores fizeram com que 85% das línguas desaparecesse, mantendo-se apenas 15%.”, afirma Corbera.

Mesmo com a drástica redução no número das línguas desses nativos brasileiros, sua importância é notável. “Sem dúvida, podemos aprender muito sobre a cultura brasileira conhecendo a história dos povos indígenas e pelo estudo de suas línguas respectivas. Destaca-se, sobretudo, as plantas alimentícias, frutas, plantas medicinais e industriais cultivadas pelos povos índios que eram inicialmente desconhecidas pelas culturas europeias”, conta o professor Angel.

Palavras como mandioca, Ipanema, Guarulhos, ipê, oca, entre outras – afinal, a lista seria interminável – têm origens indígenas. O que aconteceu, então, com essas línguas, com seus falantes? Depois de anos mudando nosso Português, as línguas indígenas foram dizimadas por um processo que, desde sempre, era de mão única: o Português jamais contribuiu em algo substancialmente positivo para esses idiomas; ele foi, pouco a pouco, engolindo essas línguas indígenas.

“A redução de 1200 para 180 línguas indígenas nos últimos 500 anos foi o efeito de um processo colonizador

extremamente violento e continuado, o qual ainda perdura”, conta Aryon Rodrigues, professor do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília (UnB). Portanto, os brasileiros que falam o Jê, o Nambikwára, o Tariana, o Nheéngatu, correm sério risco de perderem seu idioma. Talvez não em curto prazo, mas muitas dessas línguas estão sim ameaçadas de extinção. A família linguística do Ofayé, por exemplo, possui hoje 5 falantes no Estado do Mato Grosso, sendo que todos eles falam Ofayé-Xavânte, o que a caracteriza como a língua menos falada no País. Caso esses idiomas sejam perdidos, milhares de brasileiros terão perdido seu direito a língua e culturas próprias. E é o caminho que parecemos estar percorrendo.

O QUE MAIS PODEMOS DIZER?

Chegadas com os imigrantes no Brasil a partir de 1824, as línguas alóctones – ou de imigração, como são chamadas – no País são em torno de 35. “Algumas delas têm grande população, como o talian (ou vêneto brasileiro), o hunsrückisch (principal língua germânica falada no Rio Grande do Sul e outros estados) e o japonês”,

SIL BRASILEIRO NA INDOCA PET TUPI UAI A INDIGENA TABATI CAFUNDÓ TAPIO

relata Gilvan Müller, Professor da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisador do IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística). Esses idiomas estrangeiros são falados, na realidade, por cidadãos brasileiros há pelo menos três gerações. Esse tempo foi suficiente para caracterizá-los, também, como “brasileiros”, muito embora nenhum seja reconhecido pelo governo. Eles são o modo de os imigrantes manterem, de alguma maneira, sua identidade cultural, e são importantes também para o Brasil por diversificar nosso país. “Essas línguas se territorializaram e compõe o mosaico cultural brasileiro junto com as línguas indígenas, as línguas afro-brasileiras e as línguas de sinais das comunidades de surdos”, afirma Gilvan.

Hoje, ao contrário do que se pensa, essas línguas de imigrantes não estão desaparecendo, mas mudando. Muitos dos dialetos trazidos pelos europeus nos séculos passados foram adquirindo características tão singulares aqui no Brasil que atualmente só são falados em território nacional. Além disso, os fluxos migratórios depois dos anos 2000 voltaram a crescer, mas com pessoas vindas da América Latina, do Oriente Médio e da África.

Além de todas essas línguas citadas, ainda há remanes-

centes de idiomas africanos. “Embora não mais falados no Brasil, podem-se reconhecer suas presenças em dois contextos específicos: nos cânticos e na linguagem ritual utilizada nos cultos afro-brasileiros, e em algumas comunidades afro-descendentes (Cafundó, Tabatinga) que conservaram o uso de um léxico de origem africana”, afirma Margarida Petter, professora da Universidade de São Paulo especialista em línguas africanas.

A realidade das línguas africanas tende a mudar, visto que já são muitos os que fogem de seus países rumo a lugares como o Brasil, seja pela proximidade linguística – casos de angolanos e moçambicanos -, seja por afinidade cultural. Em pouco tempo, esses idiomas podem entrar na categoria de línguas alóctones também.

O plurilinguismo brasileiro, “um dos mais ricos do mundo”, de acordo com Gilvan Müller, define as línguas brasileiras como muito mais que somente o português, como está fincado no imaginário nacional. “‘Línguas brasileiras’ é um conceito político que visa a valorizar o patrimônio e valor das línguas da população brasileira e, ao mesmo tempo, valorizar as comunidades lingüísticas. Esse conceito dá conta da necessidade de extensão dos direitos lingüísticos a todas as comunidades brasileiras”.



"Apropriações de um espaço comum: a Praça Benedito Calixto", de Marta Pereira Militão da Silva, Nayara Magri Romero e Vanessa Villas Bôas Gatti, 2004.

Um trabalho realizado por estudantes de Ciências Sociais da USP sobre a Praça Benedito Calixto, uma das mais populares de São Paulo, argumenta que o propósito do local tem se distanciado de uma iniciativa que ajude e integre a comunidade para atingir objetivos de poucos: "Quando o objetivo se torna o consumo, a preocupação com outros pontos diminui."

Um exemplo disso foi observado pelas estudantes: mendigos que ocupam o espaço da Praça durante a semana são expulsos pelos seguranças contratados pela AAPBC aos sábados, antes da feira começar. Quando questionada sobre este tipo de problema, Benê Brigitte, a representante da Associação disse às estudantes que: "A gente não pode tirar daqui e jogar em outro bairro, então a gente liga pra prefeitura", e quanto a desenvolver um projeto para esse público Benê responde: "nem temos espaço aqui pra isso". O que é uma grande contradição com o objetivo que está impresso nos folhetos informativos da AAPBC sobre a Feira. De acordo com estes, o objetivo da Associação seria o de "promover o exercício da cidadania, mantendo um espaço aberto à

participação da comunidade, através do trabalho solidário e atitudes éticas, respeitando as diferenças individuais e favorecendo o desenvolvimento do ser humano"

A pesquisa "Apropriação do Espaço Público" desenvolvida por Nayara Romero, Marta Militão da Silva e Vanessa Gatti conclui que há incoerências com o propósito da feira e do que realmente é efetivado. O foco não é a Praça e a sua manutenção, mas a movimentação do evento de sábado. "O consumo é, portanto, a atividade de lazer proposta pela associação. As barraquinhas de antiguidades, discos, outros eventos como as apresentações musicais e de dança, e a presença de escritores e artistas formam o "clima cultural" da feira, que é consu-

JKT SCH

Por Mônica Duarte Bulgari

mido semanalmente por seus freqüentadores”

A Praça Benedito Calixto é conhecida por seus itens curiosos e pouco comuns no dia a dia da capital paulistana, como vinis, lustres, raridades, brinquedos velhos e peças antigas. A feira fica no bairro de Pinheiros, no cruzamento com a Rua Teodoro Sampaio. Foi Criada em 1982 por artistas e intelectuais da região que não concordavam com o projeto de reforma da Praça proposto pela Prefeitura, à época, e tentaram, por meio de uma iniciativa conjunta, ocupar o espaço da praça de alguma forma. Para isso, foi criada no mesmo ano a Associação dos Amigos da Praça Benedito Calixto (AAPBC). Embora as atividades da feira só fossem cadastradas oficialmente pela Prefeitura em 1985, o evento sempre atraiu um razoável fluxo de turistas e comerciantes.

Realizada todos os sábados das 9 às 19h, a feira foi se expandindo e causando um impacto social no perfil urbano da região. Os feirantes, freqüentadores e a própria Associação afirmam que a maioria das lojas, bares e restaurantes que estão instalados ali foram atraídos pela movimentação e o nome da feira: “É bom tanto pra quem vende como pra quem compra”, diz Carolina Marra, que freqüenta a feira há

8 anos e afirma que vários bares e restaurantes localizados nas proximidades foram inaugurados por volta de 2002.

CULTURA E CONSUMO

“Tem uma discussão intelectual muito forte, muita gente diferente e coisas da Itália que você não encontra em qualquer lugar”, diz Marina Célia, professora de geografia e frequentadora da feira há mais de 20 anos. A discussão política na feira de fato existe. Na semana da luta antimanicomial,(18 de maio) houve a entrega de um prêmio proposto pela AAPBC que homenageia àqueles que de alguma forma contribuíram para esta luta. O evento foi realizado em uma pequena arena existente na Praça. Entretanto, um microfone e um alto falante pareciam desproporcionais à quantidade de pessoas que assistia a entrega do prêmio. “Quem vem aqui é para comprar, não é para ver isso”, diz, sorrindo, Armando Uliani, dono de uma barraquinha que vende lustres há quase dez anos. Quando questionado sobre a procedência de seus artigos, ele desabafa:” Isso aqui não é sempre velho. Tem que parecer velho. O povo gosta disso, e por isso que eu vendo. Ainda mais quando o produto tem história eles compram mesmo”. A atmosfera consumista e moderna que a feira tem to-

“POR MAIOR
QUE SEJA
NOS SOZINHOS
DESPREZADO
POR FELICIDADE,
KITSCH FAZ
PARTE DA
CONDICAO
HUMANA.”

mado não agrada a todos os feirantes: “Tá vendo estas lojinhas ali? Elas vieram por causa da feira. Tudo isso. Estes bares, restaurantes, tudo. Eu não gosto. Sou contra, acho que perde o aspecto legal da feira, que são as antiguidades e a troca de mercadorias”, afirma Elizeo. Ele é feirante na Benedito há mais de 17 anos, possui uma barraquinha de câmeras filmadoras e projetores de Super 8, e diz que que está lá por hobby. Engenheiro civil durante a semana, Elizeo considera que a feira, antes um espaço para unir a comunidade e ensinar cultura antiga aos mais novos, agora está com um ar “moderninho”.

De fato, tanto as lojas e galerias que circundam a Feira, quanto algumas barraquinhas exibem produtos que alcançam um determinado tipo de público, o chamado “Hype”. A palavra Hype, de acordo com o dicionário Babylon, significa “exagero; anúncio comercial que exagera na descrição dos fatos e “aumenta” a verdade”, ou ainda, como verbo, “excitar, estimular; tornar público, anunciar; ludibriar, lograr, enganar; criar um golpe publicitário”. Esse termo é a versão atual do chamado “Cult”, ou seja, são aqueles que estão interados de todo tipo de assuntos e tendências, principalmente relacionados ao entretenimento. E isso se deve principalmente por causa de avanços de meios de comunicação específicos, como TV a cabo, e a internet. As lojinhas atraem este público com camisas de filmes franceses, roupas de inverno inspiradas no look londrino, imãs de geladeira incomuns, como aquele que tem estampado uma figura de um conhecido anti-depressivo, ou acessórios desnecessários mas únicos, como o porta copos que exibe em cada bolacha um filme de Woody Allen.

Este fenômeno de identificação pelo consumo é tema de diversos teóricos do mundo da comunicação e sociologia, e não é fenômeno exclusivo da Praça. O peculiar deste espaço é a mutação do seu perfil de reservado aos artistas e intelectuais como ponto de encontro para discussões e jogos de xadrez para um espaço que se expandiu por meio do consumo. Trata-se essencialmente da apropriação de um espaço público por meio de uma atmosfera consumista. A atmosfera que Milan Kundera, escritor polonês, no seu mais famoso romance, “A Insustentável Leveza do Ser”(1984), chama

de kitsch. “Esta é uma palavra alemã que apareceu em meados do sentimental século XIX e que, em seguida, se espalhou por todas as línguas. O uso repetido da palavra fez com que se apagasse seu sentido metafísico original: em essência, o kitsch é a negação absoluta da merda; tanto no sentido literal quanto no sentido figurado: o kitsch exclui de seu campo visual tudo que a existência humana tem de essencialmente inaceitável.” É o kitsch, que, segundo Kundera, faz com que os organizadores e frequentadores da Feira não se importem com os mendigos, faz com que o ideal de integração da comunidade perca o sentido mediante as maravilhas do consumo. Mas será possível ser diferente? Será possível proteger um espaço público dos vínculos de comprador-mercadoria? No caso da Praça, esta relação já está consumada e é aproveitada pelo privado. É a apropriação do público pelo privado, e quanto a este questionamento, Kundera é categórico: “por maior que seja nosso desprezo por ele, o kitsch faz parte da condição humana.”

Mais sobre a matéria:
<http://www.benditabenedito.wordpress.com>
Blog da Reportagem.

BALANÇO SE PERSPECTIVAS PARA A AMÉRICA LATINA SEU NOVO SÉCULO XXI

A primeira década do século XXI foi um período de intensas transformações e desafios para os países da América Latina, historicamente marcados pela problemática do desenvolvimento econômico e social e pela tentativa de uma maior inserção internacional. Depois de ter passado a última década do século XX como o laboratório das experiências neoliberais, a região tomou rumos muito particulares nesta nova conjuntura.

Equipe Newsletter do Observatório de Fenômenos Transnacionais nas Américas do Centro de Relações Internacionais da FACAMP

Pesquisadores do OFTA-CERI colaboradores dessa matéria: André Armani, Beatriz Abreu dos Santos, Henrique de Arruda Berengon, Noele de Freitas Peigo e Rodrigo Di Próspero Jourdain. Coordenação Newsletter OFTA-CERI: Talita de Mello Pinotti. Coordenação OFTA-CERI: Professores Alcides Eduardo dos Reis Peron, Érika Laurinda Amusquivar e Patrícia Nogueira Rinaldi.

A década iniciou-se com a ascensão de vários partidos e coalizões políticas de esquerda, de tendências nacionalistas, desenvolvimentistas ou socialistas, com grande apoio popular. Essa ascensão reorientou o discurso das políticas externas dos governos da região para temas relacionados à busca de uma maior autonomia política e econômica dos países por meio das reivindicações sociais. Já na metade da década, observou-se a retomada do crescimento econômico impulsionado por um novo ciclo expansionista mundial, embora sujeito aos novos condicionantes colocados pela ascensão chinesa, que estimulou a demanda por commodities agrícolas e energéticas, elevando seus preços no mercado internacional. Como esses produtos compõem a maior parte da pauta exportadora dos países latino-americanos, notou-se um relativo fortalecimento da capacidade fiscal, um maior acúmulo de reservas internacionais e maior possibilidade de financiamento de várias iniciativas regionais de integração da infraestrutura energética e de transporte.

Evidenciam-se assim, quatro temas de relevância para a compreensão das perspectivas para a América Latina na segunda década do século

XXI: a integração energética, a intensificação dos movimentos sociais, o avanço do narcotráfico transnacional e a ascensão da China.

POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO ENERGÉTICA PARA A AMÉRICA LATINA

Um dos elementos determinantes para a América Latina nos próximos anos diz respeito à política energética, uma vez que, com a ascensão de governos de esquerda em diversos países, programas de nacionalização e estatização dos recursos energéticos, especialmente do petróleo e do gás, se concretizaram e ganharam destaque no cenário internacional. Isso levou a um fortalecimento de laços entre alguns países latino-americanos, visando um alinhamento das políticas externas para estimular a inserção internacional a partir desses recursos.

Um desses laços foi o petróleo, que poderia servir como instrumento de uma maior integração entre os países frente à internacionalização das empresas petrolíferas da região, como é o caso da Petrobras, estatal brasileira que atua, hoje, em 27 países em todo o mundo, dentre eles em 10 dos países da América do Sul; e da petrolífera estatal da Venezuela – PDVSA (Petróleos da Venezuela S.A.).

Petrobras e PDVSA possuem ca-

pacidade suficiente para liderar um possível projeto de constituição de uma estrutura de produção energética comum, superando alguns problemas enfrentados por esse setor, como por exemplo, as deficiências dos existentes projetos regionais de integração de infraestrutura energética e de transporte, tais como a IIRSA (Iniciativa para Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana) e a CIER (Comissão de Integração Energética Regional).

No entanto, as diferentes lógicas de gestão e expansão dos mercados de ambas as empresas podem representar elementos de divergência em tal processo. Enquanto a Petrobras apresenta uma lógica corporativa de internacionalização de capitais, a PDVSA é utilizada como ferramenta política pelo governo Chávez para expandir sua influência sobre a América do Sul e o Caribe por meio de empresas mistas, com compartilhamento de tecnologia e recursos.

A despeito dessas iniciativas de integração energética entre Brasil e Venezuela, as políticas energéticas adotadas pela América Latina nesse decênio foram conturbadas. As perspectivas para os próximos anos não indicam uma mudança significativa, dados os cenários de escassez



e possíveis disputas que vêm sendo divulgados em pesquisas e estudos internacionais. Incertezas e desafios farão parte de uma agenda pautada por políticas energéticas de controle dos recursos estratégicos, setor vital que possui a capacidade não apenas de garantir o controle sobre a segurança regional, mas de assegurar uma maior projeção internacional e uma maior autonomia política e econômica à região, bem como novas formas de integração.

A FRONTEIRA ENTRE O CRESCIMENTO ECONÔMICO E OS CONFLITOS SOCIAIS

As condições sócio-econômicas dos países latino-americanos se alteraram radicalmente frente às medidas de liberalização comercial, redução dos gastos públicos e supressão de políticas econômicas intervencionistas, havendo um descompasso entre crescimento econômico e desenvolvimento social. Isso resultou na maior organização das reivindicações sociais na América Latina,

com manifestações peculiares em cada país, mas com demandas semelhantes, de modo que os conflitos sociais na América Latina emergem com mais força nesse novo século. No Brasil e na Argentina, países que executaram um projeto desenvolvimentista e conseguiram minimamente alterar sua posição econômica no século XX, destacam-se movimentos referentes às questões sociais básicas, como o trabalho e a gestão da terra, tanto no campo quanto na cidade. O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), no Brasil, se mobiliza por uma estrutura fundiária mais equânime, dada a importância do setor agroexportador para o país e a intensa concentração de terra e de renda. Já o movimento dos Piqueteros na Argentina é formado por trabalhadores urbanos desempregados, principalmente após a crise de 2002, e reivindicam emprego e inserção.

No caso da Colômbia e do Paraguai, países cujo desenvolvimento econômico foi ainda mais tardio, as

características essenciais dos movimentos guerrilheiros – as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o Exército Popular do Paraguai (EPP) – são a ilegalidade e a luta armada. Mas apesar de sua atuação violenta, suas reivindicações se legitimam pelas suas demandas, sobretudo relacionadas ao questionamento da concentração fundiária. O impasse se agrava devido ao narcotráfico na região colombiana, enquanto que no Paraguai, a presença de brasiguayos, brasileiros donos de terras na fronteira do país com o Brasil, tornam a luta pela terra um conflito transnacional.

Já nos casos da Venezuela e da Bolívia, a ascensão de antigos movimentos sociais ao poder, liderados pelos agora presidentes Chávez e Morales, visa à implantação do modelo denominado Socialismo do Século XXI, resgatando o antigo projeto da Revolução Bolivariana. Esse projeto busca a reforma do Capitalismo, o equilíbrio entre iniciativa privada e intervenção do Estado na economia,

e é marcado pela propriedade estatal de setores estratégicos e intensos gastos sociais. Contudo, a capacidade desse modelo de desatrelar-se do sistema vigente fica limitada, uma vez que grande parte do orçamento estatal para aplicá-lo provém da venda do petróleo. Sem superar esta dependência estrutural, o Socialismo do Século XXI paradoxalmente permanecerá comprometido.

Frente ao fortalecimento desses movimentos sociais nesse novo século, não se pode omitir a importância de se analisar as dinâmicas sociais da região, uma vez que é por meio das interações sociais que se deflagram conflitos que questionam as estruturas vigentes e é a partir delas que pode-se vislumbrar novas perspectivas para o desenvolvimento econômico da América Latina.

A REDE TRANSNACIONAL DO NARCOTRÁFICO NA AMÉRICA LATINA

O narcotráfico em bases transnacionais também se trata de outro fenômeno importante para a trajetó-

ria dos países latino-americanos no século XXI, já que Colômbia, Peru, Bolívia e México são os maiores produtores globais de cocaína, enquanto os demais países da região se caracterizam como territórios de trânsito do produto em direção aos maiores consumidores globais, que são o continente europeu e os Estados Unidos.

Com a globalização, o narcotráfico galgou uma capacidade de atuação transnacional, e está agora organizado sob a forma de células globais, muito semelhantes à configuração em rede das empresas transnacionais. Nesse novo formato, o narcotráfico conseguiu rapidamente se tornar um dos mercados mais lucrativos do mundo: a ONU estima que o lucro dessa atividade tenha sido de US\$ 72 bilhões em 2009.

Isso tornou os cartéis de drogas resistentes às tradicionais políticas estatais de combate, pois não mais possuem uma estrutura hierárquica na qual a captura do chefe da organização leva ao fim de suas ativi-

dades. Pelo contrário: mesmo se as lideranças envolvidas forem eliminadas, ou se uma parte das operações for interrompida pelo Estado, esses grupos são capazes de rearticular suas lideranças e constituir novos elos que permitam atender prontamente a demanda global.

Tal resistência tem como resultado o Balloon Effect, que é o efeito de rearticulação das atividades dos cartéis em outros territórios como resposta a uma política de combate bem sucedida. A Colômbia, por exemplo, até 1980, não era produtora de cocaína: a produção foi transferida para esse país (e organizada pelos já fortalecidos cartéis de Cali e Medellín) como efeito das políticas de destruição de plantações no Peru e na Bolívia nesse período. Do mesmo modo, o México emergiu como um território controlado por vários cartéis de drogas aproveitando o vácuo deixado pela desarticulação estatal dos cartéis colombianos na década de 1990. Com as ofensivas militares para a mitigação dos cartéis mexicanos, abre-

se espaço para que outros territórios sejam afetados pelo Balloon Effect. A preocupação recai sobre o Brasil, que apresenta condições favoráveis para o desenvolvimento dessa atividade, já que é o maior consumidor de cocaína da América Latina, com aproximadamente um milhão de usuários; faz fronteira com os maiores países produtores, sendo uma importante rota de escoamento para a Europa, seja diretamente por vias marítimas, seja como intermediário via o território africano; e possui internamente organizações criminosas que já estão se adequando ao narcotráfico internacional.

Desse modo, se torna imprescindível o desenvolvimento de políticas de combate ao narcotráfico na América Latina que levem em consideração suas novas características transnacionais em rede, minimizando a adoção de políticas militarizadas que vem historicamente apresentando poucos efeitos duradouros no desmantelamento dessa atividade ilegal.

O CRESCIMENTO CHINÊS E OS DESAFIOS PARA A AMÉRICA LATINA

Outra tendência do século XXI é o desenvolvimento de uma nova divisão internacional do trabalho que tem determinado um novo modelo de inserção dos países em desenvolvimento, conhecidos como BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China). Essa

nova ordem produtiva mundial tem na China o seu centro dinamizador, caracterizado como um “duplo pólo” global, atraindo investimentos e importações de todo o mundo ao passo que se posiciona como o principal país exportador de bens manufaturados. A partir de tal configuração é essencial analisar que tipo de “oportunidade” seria gerada nesse novo século para o desenvolvimento dos países latino-americanos em virtude da posição dinamizadora da China. Para alguns analistas, este período de pujança econômica puxada pela China guardaria algumas referências ao período conhecido como “os anos dourados”, em que se vislumbrou um crescimento econômico a partir da condução de processos de industrialização com a participação de capital estrangeiro. Entretanto, ainda que na primeira década do século XXI a América Latina tenha alcançado importantes níveis de crescimento graças à demanda chinesa, no pós-guerra houve uma maior oportunidade de executar um projeto desenvolvimentista, o que ainda não se verifica prontamente no período atual. Até o presente momento, o que se desenvolve é uma relação de interdependência assimétrica entre os países latino-americanos e a China: ao se articular como a principal fornecedora de commodities do país asiático, a região se torna refém dos

capitais e do crescimento chinês, demonstrando a fragilidade deste modelo de inserção internacional para estas economias.

Tal fragilidade se dá pelo fato de não haver uma política externa específica da América Latina para a China capaz de evitar a especialização da pauta de exportações latino-americana em commodities. Portanto, a ordem imposta pela China pode resultar no resgate pleno do modelo agrário-exportador que esteve na base da formação econômica dos países latino-americanos, estimulando ainda o retorno e o aprofundamento de problemas relacionados a este modo produtivo, como as dificuldades de acumulação de capital, de geração de emprego e de renda. Nesse sentido, em países como o Brasil e o México, a concorrência interna e externa com os produtos chineses pode agravar a regressão do modelo industrializante, o que ameaçaria a manutenção do já incipiente parque industrial conformado na América Latina. Assim, faz-se necessário o desenvolvimento de políticas de resistência à imposição desse modelo agrário-exportador, como por exemplo, de fortalecimento industrial, de estímulo à fusões internas, e mesmo políticas que impeçam a evolução do quadro de regressão industrial promovido por essa competição assimétrica.

DESSA MODO,
SE TORNA
MPRESINDÍVEL O
DESENVOLVIMENTO
DE POLÍTICAS DE
COMBATE AO
NARCOTRAFICO
NA AMÉRICA LATINA
QUE LEVEM EM
CONSIDERAÇÃO
SUAS NOVAS
CARACTERÍSTICAS
NACIONAIS
EM REDE

QUE É QUE TEM NA CAIXA?

“QUE É QUE TEM
NA CAIXA-PRETA?
QUE É QUE TEM
NA CAIXA-PRETA?”

CAIXA-PRETA

Por Rafael Roncato

Por meio da pergunta que Curumin se faz em seu funk-electro Caixa-Preta, decidi virá-la contra o próprio criador e remodelar: que é que tem na caixa-preta musical do multiinstrumentista, cantor e compositor paulistano Luciano Nakata Albuquerque, mais conhecido como Curumin? Não é uma resposta tão simples quanto parece, já que Curumin, junto com sua banda The Aipins, faz uma mistura bem saborosa de diversos estilos, samplers, e texturas musicais que não podemos tirar conclusões na primeira ouvida. A definição é complexa e trabalhosa. Como podemos rotular o som de um descendente de japoneses, paulistano, bem brasileiro por seu apelido, que segue o fio condutor musical de seu gosto pessoal? Samba ou “samba contemporâneo”? Soul? Dub com funk? Eletrônico? Um grande caldeirão de referências ou um liquidificador de estilos? No primeiro momento há apenas uma certeza: som singular e de qualidade.

“É um disco para se ouvir com calma”, aconselha Curumin sobre seu disco mais recente, lançado em 2008, JapanPopShow, que tem tirado elogios por todos os cantos que passa. Já em seu primeiro disco – Achados e Perdidos -, a mistura, complexidade e de qualidade, é tamanha que até deu no “The New York Times”, o classificando como um dos jovens músicos mais esperados da cena musical brasileira.

“One of the smarter young musicians in São Paulo, Curumin is a fully paid-up scholar of both Brazilian and American funk from the 70's; put them together and you get 'Achados e Perdidos,' his first solo album” (The New York Time, 11/07/2005).

“Para eles a gente é mais uma coisa exótica, uma novidade. Mesmo assim sempre acontecem eventos inusitados, como um show que fizemos em Grathan, Indiana. Foi no refeitório de uma universidade católica, com todo mundo sentado, supersério, sem beber nem fumar. No final do show eu falei ‘vamos levantar’, aí o pessoal resolveu dançar em cima das mesas” (Curumin, G1, 08/11/2006). É inegável o aspecto dançante que Curumin traz em sua música, entretanto a ideia “exótica” não basta apenas aos americanos, até mesmo em sua terra natal o músico impressiona.

“É o que eu falo: uma das grandes

batalhas hoje em dia é tentar fazer algo original. E o jeito mais original de se fazer, é tentar aquela auto-exploração, com coisas que são suas, buscar coisas da sua vida. Não só coisas que sejam totalmente pessoais, mas também buscar coisas que sejam suas e que possam ser dos outros também, que possa compartilhar.” Originalidade essa que veio do conjunto de elementos e referências da música negra em geral, da América do Norte até a América do Sul, e na tentativa de reuni-las novamente “numa coisa só, como, acho, que eram originalmente.”

**“Porque meu samba é simpático
E porque minha banda é animada”
(Acorda, Simpático)**

Nasce de uma mistura bem composta de estilos um samba simpático, samba mutante em constante desenvolvimento e que faz um diálogo próximo com novidades da música brasileira e internacional. Da mesma forma que Carmen Miranda foi acusada de “americanizar-se”, Curumin poderia sofrer dos mesmos ataques. A única diferença que encontramos é que nos dias atuais parece ser algo natural mesclar estilos e referências de outros países, não tão aceitável na época de Carmen ou com as críticas à bossa nova. Acredito que sem grandes ícones brasileiros – lançados no exterior – como Carmen e a própria bossa, a música brasileira

estaria fadada ao “conservadorismo da nacionalidade” sem alcançar e desenvolver toda ginga e rebolado que se construiu com o passar dos anos, sem dar a chance de grandes nomes – como Curumin – que surgiram e poderão surgir cada vez mais. “A mistura do samba com a música norte-americana, por exemplo, não podia ultrapassar determinados limites. Já existia uma autenticidade a ser preservada no campo da cultura popular brasileira” (O Mistério do Samba, 130-131).

A bossa nova veio, no final dos anos 50, com elementos internacionais, como o jazz, em seu sangue, e foi atacada “por muitos defensores da ‘verdadeira brasiliade’ do samba”, como se essa nova forma de música “fosse uma traição à pátria”. “O movimento chamado de bossa nova a partir de 1958 veio finalmente agravar essa quebra de tradição [iniciada pelo samba-bolero e o samba-canção dos anos 40], aprofundando a influência do jazz be-bop, ao mesmo tempo que modificava a batida tradicional do samba, através de uma espécie de esquematização destinada a transformar esse gênero de música popular carioca no âmbito da classe media numa pasta sonora, mole e informa (Tinhorão, s/d: 48/49) Em outro texto, Tinhorão afirmou que a bossa nova foi criação de ‘um grupo de moços’ que ‘rompeu

"MAS TUDO BEM, MAL ANDRO, E MAS TUDO BEM, CUMPAIDI, EU V"

definitivamente com a herança do samba popular, modificando o que lhe restava de original, ou seja, o próprio ritmo' (Tinhorão, 1986: 231)" (O Mistério do Samba, 131-132). Sem essa inovação e quebra de padrões, a música brasileira continuaria a ser, como disse Oswald de Andrade, exportada como "macumba para turistas", caindo no mais do mesmo. Música e musicalidade, assim como os indivíduos e a sociedade, sempre estão em constante evolução, atraindo novos formatos, novas ideias e necessitando de certa coragem e vanguardismo, como, também, trouxe o tropicalismo.

"É engraçado porque o samba é uma coisa que vem de uma tradição. Eu não sou dessa linhagem, não nasci em berço de samba, não ouvi desde criança, não tenho essa atmosfera que eu cresci junto, sabe? Sou um cara que gosta de música e é lógico que eu gosto de samba também. Me vejo mais como um estrangeiro nesse sentido, como o cara que ta de fora, gosta e quer participar". Dessa vontade de participar, Curumin lança um samba híbrido, flexível, que encaixa a batida de forma singular com outros elementos, como soul, funk, hip-hop, dub, rock, reinventando a música brasileira contemporânea. "Eu falo de samba, mas pode ser

qualquer outro gênero, não sou um cara que faça soul desde criança, não sou um cara que tenha nenhuma ligação específica com nenhuma tradição. Nos tempos de hoje, essa coisa de MP3 abriu muito o espectro das músicas que você ouve, podemos ter um MP3 player que cabe mil músicas, pode andar para qualquer lugar e está com a sua livraria de discos alí. Por conta disso, escuto um monte de músicas diferentes, em qualquer lugar". O músico ainda acredita que por conta de ser brasileiro, há também essa facilidade de mistura, mestiçagem, dos estilos, como o povo brasileiro realmente é, englobando todas as culturas que fazem parte desse país. "Você vai aos EUA, por exemplo, tem bairro que é só dos chineses, bairro só dos negros, um só dos árabes, um só dos portugueses, enfim, tudo bem separado, saca? Aqui não, um pouco que tudo se misturou, virou uma coisa só."

**"Não deixem parar de tocar o Sambito
Não deixem parar de tocar o Sambito
Não deixem parar"
(Sambito)**

"Para uma nova geração educada na era digital, a instrumentação eletrônica é tão banal quanto o violão acústico foi para a legião da bossa nova. Mesmo de descendência emepe-

bista, mas formados em influências diversas na escala do funk ao pop, ilustres recém-chegados recorrem ao samba como 'língua' (Tem Mais Samba, 317).

Por falar em mistura do samba, Sambito é está entre as maiores que já vi. Sambito nada mais é do que um samba bem japa, contado na língua nativa da terra do sol nascente, com a clássica batida do samba e ainda incorporado aos sintetizadores. "É mais uma brincadeira. Mas em japonês caiu tão bem que deu outro sentido pra letra. E nesse outro sentido, pra mim parece que Sambito é um personagem, tipo um tamagochi ou um picachú e eu fico falando como ele é legal. O refrão traduzido é assim: 'Sambito, Sambito, meu único amigo, meu único amigo'" (G1, 08/11/2006). "Samba Japa" também retoma as características orientais de Curumin, tanto nas letras – "Dançou com Shogun, Surfou num vulcão" -, como também nos samples de uma tradicional voz japonesa cantando. Claro que tudo isso sempre bem misturado ao samba e ao soul, engrossando o caldo desse mocotó oriental.

Curumin faz de sua obra um diálogo com seu passado. JapanPopShow, a faixa-título do segundo trabalho do músico, era originalmente um show

PORQUE HOJE TEM BALANÇO, VOU DANÇAR ATÉ MAIS TARDE” TUDO BEM MALANDRO

de calouros matutino exibido aos domingos e apresentado por descendentes de japoneses na TV brasileira nos anos 80, um formato de programa que também faz sucesso no Japão. O músico, ainda criança nessa época, pareceu se encantar com a disputa dos anônimos candidatos a cantores de sucesso, resultando na mistura de mais elementos japoneses conhecidos do disco anterior – Achados e Perdidos -com a brasiliade de Curumin. A própria faixa de abertura do disco – Salto no vácuo com joelhada – também é mais profunda do que parece. Desenvolvida do simples e delicado som de uma caixinha de música, a canção vai encorpando, criando mais elementos, mais texturas, até que explode ao groove de beats graves e enérgicos. O mistério mesmo está no nome, pelo menos para quem não nasceu na década de oitenta: Salto no vácuo com joelhada é o clássico e fatal golpe de Sawamu, um herói de animê japonês, que usava sempre quando estava para ser derrotado. “E isso fazia parte da minha história, mesmo que não conheça profundamente a cultura japonesa, não sei ler, não conheço as músicas, não conheço a história; mas eu convivi, minha família era japonesa. Era uma coisa diferente das outras famílias, então

fez muito sentido para falar, era algo que estava muito presente, até pela sensação de eu ser japonês, de ter esse sangue”.

No clima ainda nostálgico aparece Compacto, um samba-rock dançante e cativante, cheio de suingue, falando da sensação de se ouvir um bom disco de vinil. “Compacto, que eu só quero ouvir/Compacto, sossegado/Compacto, um fino, um raro/Compacto, que eu só quero ouvir/Então deixa cair, sossegadinho/Compacto, em eletricidade”. “Vai meio que as coisas que você gosta de ouvir, das coisas que gosta de fazer na sua vida, das coisas que reverbere dentro de você, entende? E isso envolve muitas coisas, desde algo muito pessoal, até o seu gosto mesmo.” É dessa maneira que Curumin explica grande parte das composições, ideias e sons que tanto se misturam, até mesmo seu ótimo cover de Stevie Wonder – You Haven’t Done Nothing -, em Achados e Perdidos. A animada Magrela Fever não se separa dessa lógica, mesmo com rock mais dançante, jamais é pura essência, sempre misturado às influências, sejam internas ou externas. Somos levados na garupa da magrela de Curumin, sentindo o vento bater no rosto, os pensamentos voando alto, tudo isso enquanto se

pedala sem rumo à criatividade musical do músico. Em entrevista ao site californiano SF Station, Curumin comenta sobre sua inspiração: “Life is the biggest inspiration: a walk through São Paulo, drinking with good friends, a show, a movie, a swim in a river, a walk through an Atlantic forest or through a Cerrado forest, or just sleep when I’m tired. Dreams are a big inspiration” (<http://www.sfstation.com/curumin-a12981>).

Curumin pode ser internacional e globalizado, com a riqueza da miscigenação de sons e experiências levadas a outro patamar, mas sem dúvida, mesmo com todas as transformações, ele pode ser considerado mais brasileiro do que nunca. A base e a alma são brasileiras, o som é universal. Para o músico, o valor de outros grandes artistas de sua geração – como Otto, Céu, Nação Zumbi, Orquestra Imperial – é enorme, ainda mais agora na era da Internet, onde tudo poder ser ouvido e de qualquer ponto do mundo. “Não existe mais ‘música brasileira’, ou ‘música britânica’ ou ‘música francesa’. Falamos, agora, por todos esses sons e transpassamos barreiras”. Fiquemos atentos que esses novos nomes serão muito importantes futuramente. Do Brasil para o mundo, e muito bem representado.

JIN DIÁ AULA DE

Por Neto Leão

O corpo pede por uma respiração mais saudável. Desperto cedo como um cão chutado da frente da loja. A meu lado vejo o cansaço de quem tanto me serve, meus olhos querem fechar e voltar a ver o que sonhava, as paredes de minha peça parecem estar desesperadas para cair. Dirijo-me até ao banheiro, abro a torneira que não deixa de gotejar faz tempo. Com muito cuidado dou um beijo em minha metade, ela desperta certo sorriso, mas, quase que inconsciente, revolta-se a dormir. Abro a porta, nessa hora imploro para não ver a cena a minha frente: ao chão três colchões jogados em forma de cama, Maicon, Francielle e Jaime. Meus olhos se enchem de lágrima, não sei por que estão sorrindo. Peço, nesse mesmo instante, per-

dão a cada um deles por não poder oferecer um pouco mais. Fran, como costumo chamá-la, abre lentamente seus olhos. Seu olhar diz sem nenhuma palavra:

– *Te amo papai, bom trabalho.*

Ah se eu pudesse sentar a seu lado e contar-lhe histórias, ligar e dizer à dona Rosa que não poderei limpar as latrinas de sua escola, pois, hoje darei atenção apenas a meus amados. Chega de ser discriminado, aqueles alunos me olham como se eu fosse um verme no ninho de ouro. Às vezes quero apenas pedir desculpas a todos. Preciso ir, nesses pequenos segundos entre olhares, Fran me empurrou com seu queixo:

– *Ande papai, as latrinas não têm culpa, imagine que elas são um poço de água benta, assim você irá tratá-*

las com carinho.

Vou-me, apenas quero três minutos para um café coado na meia. Que aroma, que delícia. Paro nesse por alguns segundos que roubei de minha rotina, imagino meu irmão lá em Minas Gerais, perto de Varginha, cochilando com tanto carinho cada grão desse sabor.

– *Obrigado Neno, tô tomando do seu trabalho.*

Bom, respiro bem fundo e digo a mim mesmo: Com minhas mãos que limpam o estrume diário irei dar a meu lar uma nova chance. E assim bato perna em direção ao ponto de ônibus. Ando cerca de oito quadras, vou contando quantos postes têm no caminho. São treze, porém, sempreuento para saber se algo muda por aqui.



No Bar do Chico cumprimento meu colega João Pedro, aceno e lhe digo:
– *Larga essa pinga que cada gole é uma vitória dos afortunados.*

São cinco e dez da manhã, você não imagina o que é descer seco essa 51 amarga, não estou falando de uma festinha com menininhos e um som barato, mas de um pai de família como eu que não agüenta mais abrir a porta do quarto e ver que sua casa não tem mais comida para o dia de hoje. Sigo em frente, não tiro da mente a idéia de deixar tinindo as latrinas da dona Rosa. Sabe, tenho agora um momento de paz, ouço os pássaros saindo em busca do seu ganha pão. Penso: também sou um pássaro, tenho meu ninho de palha, minha cegonha já trouxe três tico-ticos, só volto quando termino

minha tarefa. Assim também são os pássaros, pena não poder voar, nem tomaria o 1.34. iria direto ao trabalho, poderia dormir mais. Porém, tenho graça em ter pernas, ao menos posso bater aquela bolinha cada terça e quinta à tarde. Caio em gargalhadas nesse instante, imaginei um pássaro jogando bola, tentando fazer um gol. Imagine que desengonçado, meio que batendo asas... Eu poderia ter asas só para ir ao trampo né, mas continuo minhas pernadas. O canto da tribo toda de voadores me trazem um minuto de música livre, até passar um doido com um carro todo preto ouvindo: “Eu te uso e você me usa, então tira minha blusa”. Será possível que não exista algo melhor para ouvir, também né, tão vendendo esse lixo na TV.

Bom, cheguei ao ponto de ônibus e minha mente tá viajando sem parar, preciso acordar, não posso perder meu buzão e pode ter certeza de que ele vai tá lotado. Espero cerca de quatro minutos, nesse horário eles chegam rápido por que não tem trânsito. Enquanto espero, deu tempo de dar uma olhada no terreno baldio da frente. Muito mato e um muro que dizia: 13 500 Dr. Nélio, mudança para sua vida.

Será que esse zé mané pode trazer alguma mudança pra mim? Vou anotar esse número, vai que acontece né. Bom, chegou meu buzão e já se formou uma fila para entrar. Todo mundo corre desesperado pra num perder um possível assento livre. Encontro dona Dedete, sempre cheirosa, não importa a hora.



– Bom dia dona Dedete.

– Bom dia Sebastião.

Agora sabem meu nome.

– E aí, pronta pra lavar louça?

– Opa, como se fossem minhas.

– E você homi, pronto pra deixar brilhando o que sujamos todo dia?

– Olha, tô quase indo junto com essa descarga viu, falta pouco.

Juntos caímos numa longa gargalhada, nada melhor do que rir da vida.

– Vai Dona Dedete, primeiro a senhora.

Passei meu bilhete único e agora é esperar por uma hora e meia de jornada. A vista é sempre a mesma: escola João de Gusmão, onde estudam meus filhos. Nem quero falar sobre isso por que me dói ver a educação que eles tão recebendo. Eu num só lá muito bom pra essas coisas, mas, sei que eles não tão aprendendo muita coisa, se parecem comigo, alguma coisa tá errada. Fora isso, Jaime sempre me diz que tem medo dos moleques da sala, tudo falando dessas porcarias, drogas e

pega as meninas, confesso que tenho medo. Passada a escola tem o supermercado, a borracharia do Antonio, algumas casas sem pintura, três terrenos baldios, de novo o bendito do 13 500, a mecânica do Altamir e por fim ,antes da grande Avenida dos Prazeres, a Lanchonete da Ana.

Eu decorei tudo, às 5:40, nem um minuto a mais ou a menos, a dona Lígia varre a calçada da lanchonete. Tem também a viatura dos coxinhas que já tão passando pra tomar um cafezinho, sempre a mesma coisa. Faz 10 anos que tô nessa, sento no mesmo banco, aqueles mais altos de onde se pode ver quem tá entrando. Às vezes brinco de imaginar o que as pessoas estão pensando, só de olhar pra cara delas é engraçado, fico falando e fazendo gestos sozinho, me divirto. Um dia um gordão, acho que trabalhava de segurança lá no banco da cidade, entrou batendo beiço; não tive dú-

vida imaginei que ele pensava: "De novo nessa lata de sardinha e se juntar toda essa gente num dá nem cem reais; já lá no banco me deram uma arma e falaram para eu cuidá de cem milhões – eu devia era ser bandido. Eu ria demais, ficava imitando ele falar sozinho. Acho que ele notou, fez uma cara de quem tava me achando louco. É minha gente, pra vivê desse jeito tem que inventar maneiras de fingir que a vida é um teatro, você faz o papel de todo mundo e ainda pode sonhar à vontade. Maria José, meu ponto, que vacilo, fiquei viajando e esqueci da minha viagem pro trampo.

– Ô motô, para rapidinho pra mim.

– Acorda meu filho, num só motorista particular não, tá querendo luxo, vai de Táxi.

Olha que eu só pedi um favor, mas é assim mesmo, tá todo mundo preocupado com sua própria latrina, num custava nada parar, mas si num qué só falá né. Já to acostumado, a saída



sempre é sorrir pro teto do buzão e dizer pra quem tá do seu lado: “Ele deve ter brigado com a esposa”. Nessa mesma hora minha Dolores tá acordando lá em casa. Já imagino o que esteja fazendo: espreguiçou por dois minutos, foi ao banheiro, lavou o rosto e escovou os dentes. Depois ela arruma a cama e prende o cabelo enquanto dobra os lençóis. Finalmente, acorda as crianças, sempre do mesmo jeito: acende a luz e bate duas palmas aí começa a cantar aquela música do tal Padre; acorda pro senhor, levanta da cama e acorda pro senhor. Um dia fiquei pensando, que senhor seria esse, a gente acorda todo dia pra mesma coisa, vai saber quem é o tal senhor. Bom, Dolores faz um café da manhã, pão manteiga e café.

– Só tem isso mãe? Pergunta Maicon. Ele é o mais novo, tá com sete anos. – A professora falou na escola que a gente tem que comer fruta sempre e que o prato tem que tá colorido, é

sinal de boa refeição.

– É meu filho, inda tamo na era do preto e branco, TV colorida é coisa de gente rica, come seu pão e toma o café que o corpo acostuma. Fran e Maicon já saíram pra escola – vão com Deus meus filhos. Penso neles, pois caminho de volta ao ponto que perdi, deixei passar, tava olhando as pessoas no ônibus. Às vezes parece que tá todo mundo na sua casa, uns dormem e vão dando cabeçada na janela até o destino final. Tem gente que se vê tanto que já começo uma amizade boa, muitas vezes maior do que os da sua própria casa. O balanço do buzão me faz sentir que estou num parque de diversões. Falando nisso, Jaime já deve tá chegando lá no parque, mais um dia no mundo da alegria. O estranho é que ele nunca volta tão alegre assim, sempre cansado, acho que é uma ilusão aquilo lá viu. Tenho que ir nessa, preciso parar de pensar um pouco – concentração – agora pre-

ciso tomar uma lotação até o terminal do Santo Graal. O ponto já lotou, num vai ser moleza não.

Pra minha surpresa a lotação tava vazia, tinha até banco pra sentar. Vai ver ninguém quer ir para vossa santidade! Sentei, agora são mais 40 minutos e estarei limpando mijão. Vou tentar dar uma cochilada, assim passa o tempo mais rápido. Dormi. Dolores já saiu de casa, foi pra outra casa, o serviço doméstico não para, tem duas casas todo dia pra cuidá e pra priorar, na casa do trabalho ela é sozinha. Dor, isso é o que ela tá sentindo no corpo todo, já num dá mais, é muito esforço todo dia. Bom, relaxa e goza, foi o que disse sua patroa.

Tô meio que dormindo e às vezes acordo, olho pros lados e nada. Sonhar, isso é quase impossível, eu apago mesmo, parece que me vou ao encontro do vazio, tudo preto, nada!

– Ei, levanta rapaz, isso aqui num é passeio turístico não, acorda pro senhor.

MAS NINGUÉM ME
AVISTA ACHO QUE FICO
INVISÍVEL COM ESSA
É MACACÃO - QUEM SABE
E PRA ISSO MESMO.

– É meu filho, quem dera isso fosse um passeio, aí eu voltava pra casa depois. Finalmente cheguei. O terminal fica de frente para as Casas Ladrinhas, vende de tudo, até RG se você precisar e eles parcelam em vinte quatro vezes. Ao lado, a banca do Jô e o ilustre prédio da prefeitura – trabalhando por você! Meu trabalho é ali: Faculdades Mentais. Na porta cumprimento meu chará.

– E ai pai d'égua, só no forró.

Passo pela catraca e vou me trocar, colocar o uniforme de presidiário, ao menos é o que parece, aquele macacão laranja, só falta meu nome e tipo sanguíneo. Os alunos passeiam por aí, tem uns até que me dão bom dia. Hoje tenho que limpar dezoito banheiros, vou bater um recorde, quero terminar em quatro horas, estou apostando, com o Luís, meu camarada das latrinas, quem é mais rápido. Almoço é minha marmita requentada e mais vinte minutos que me restam pra descansar as mãos. A faculdade

é bonita, tem muito verde e é bem cuidada. Tem sempre muita gente, mas ninguém me avista, acho que fico invisível com esse macacão – quem sabe é pra isso mesmo. Entrei no banheiro do bloco G e aquela conversa de sempre.

– Nossa ontem fiquei muito loco, só consegui chega pras aulas da tarde. Eu num entendo essas coisas, eu já estou louco faz tempo e sempre tenho que chegar no horário, ai de mim se atrasar três minutos, descontam do meu salário. Recomeço a limpar as latrinas. O dia não passa, é sempre a mesma coisa: porcelana branca, luva amarela, conversa de criança, professor que diz bom dia e estuda minha situação. Eles sabem certinho como é que é possível eu passar por tudo isso, mas num melhoraram nada pra mim. Pra que serve estudar então? Eu ainda num sei se é só pra ter mais conhecimento e ganhar mais pra num ficá limpando sanitário ou se é pra mudar alguma coisa.

Se alguém souber me conta. Passo a maior parte do tempo cantando mentalmente ou pensando o que estão fazendo meus filhos, pois Dolores, na certa, tá varrendo um quintal. Fui me meter de tonto pra ajudar o Zé que estava precisando de uma força pra limpar a coca-cola que derrubaram na sala 33F. As salas são bonitas e espaçosas. No mural tinham cartazes e anúncios, em sua maioria de festas, tava tudo em inglês, num entendi nada, vai ver que é uma sala de alunos estrangeiros. De repente, vi uma prova pendurada nesse mesmo mural – coitado do rapaz, tinha tirado zero. Estava escrito em vermelho um recado, pensei comigo, deve ser um encorajamento pra ele não desistir. Doce ilusão, meu coração na hora sofreu com o que havia lido, alguém quis brincar com ele me ofendendo. A prova dizia: “Sugiro ao aluno que compareça às aulas junto aos faxineiros para reforço de aprendizagem” Que tenho eu a ver com isso,

que piada sem graça, me senti um burro incapaz. Quanta ignorância, eles nem conhecem tudo o que eu passo, deixe-me contar minha história pelo menos, deixe-me dizer-lhes por tudo que passei e passo para estar aqui hoje, deixe-me ao menos explicar por que reprovei na escola, dê-me um espaço para explicar minha situação e tentar reverter esse pensamento medíocre. Pena não saber escrever, pena não poder falar abertamente por aí o que sinto, tenho que manter meu emprego. Espero que um dia contem minha história, espero que as faculdades mentais possam mudar ao menos um pouco a mente dessa gente, senão que ao menos tenham respeito. Preciso ir embora, estou triste. Vou pra casa, deu minha hora. Hoje o dia foi pesado, quero estar com os que me amam, preciso de um pouco de paz. Eu fico sem minha história, sem poder retrucar o deboche que me fizeram. Fico sem meu conto. Apenas um dia de aula, apenas mais um dia.



TEATRO, AMOR, E SONHOS

Por Neto Leão

Um dia um menino sonhou
Ele estava aflito
Ele queria completar-se
Um dia uma menina amarrou ao pulso e pediu
Dá-me a parte que me falta
Era como se ambos estivessem se chamando
O diretor da peça confirmou:
Esse romance já estava escrito.
Está na hora de colocarmos em cena essa história
Daí começa nossa atuação no plano dos fatos
Passaram-se 12 meses de apresentação
O espetáculo está voando
Essa é apenas a pré-estréia
O show está apenas começando
A platéia se diverte
Ela é muito Bela
Ele é muito Estranho
O diretor muda de cena
Pede pra voltar
Corta algumas tomadas
Repete outras
Mas, tudo repousa em harmonia e melodia com a música do amor.

O teatro agora está vazio
Apenas Ele e Ela estão no palco
A platéia se foi
O diretor observa a distância
A música não para
Um feixe de luz se abriu em meio ao palco
E um sopro os impulsionou a uma dança
A dança continuou até o próximo dia
Algumas palavras foram sussurradas aos seus ouvidos
Eram palavras de amor
Saiam das bocas e vinham do vento
O diretor não teve dúvida
Ele tinha uma história
Uma história de amor.
Eles se entre olharam
Seus olhares eram de quem recebeu a aprovação do fazedor de histórias
Nada mais foi falado
Apenas olhares
O silêncio foi rompido com um dizer simultâneo de ambos:
Amo você!
Fecharam-se as cortinas
A peça está começando.